

A Gentrificação Turística nas “Ilhas” do Porto pelo Olhar dos Moradores: Um Caso de Estudo das “Ilhas” de São Vítor

Mestrado em Turismo e Desenvolvimento de Negócios

Dissertação de Mestrado

Autor: Inês Raquel Silva Maia

Orientador: Prof. Doutor Jorge Ricardo Pinto

Coorientador: Prof. Doutor José Alberto Rio Fernandes

Dezembro de 2021

Agradecimentos

A elaboração e concretização deste projeto de mestrado deve-se ao apoio fulcral e encorajamento de algumas pessoas que estão presentes na minha vida.

Primeiramente, agradecer aos meus pais, Maria Maia e Hildeberto Maia, pelas palavras de apoio e por me encorajarem sempre a lutar pelos meus sonhos, assim como pelo esforço incrível que permitiu esta minha realização pessoal, proporcionando-me condições para alcançar a melhor formação académica possível que culmina com esta investigação.

Agradecer imensamente ao meu namorado, João Pinto, por nunca me deixar desistir e baixar a guarda, por me apoiar incondicionalmente neste percurso, pelo companheirismo e por ser o meu parceiro no trabalho de terreno, assim como pelas inúmeras leituras deste projeto.

Ao meu avô Constantino Maia, que me protege e orienta todos os dias, pelo exemplo de resiliência.

Ao meu orientador e coorientador, Professor Doutor Jorge Ricardo Pinto e Professor Doutor José Alberto Rio Fernandes, respetivamente, pela sua disponibilidade, contributo e incentivo ao longo desta jornada. O vosso apoio e prontidão, permitiu que este projeto tivesse o rigor necessário e chegasse a bom porto.

Uma palavra de gratidão, também, aos restantes amigos e familiares que me apoiaram direta ou indiretamente neste percurso, e à contribuição dos habitantes entrevistados das “ilhas” de São Vítor, à sua disponibilidade e simpatia.

O meu mais sincero bem-haja a todos.

Resumo

O turismo é uma atividade com grande importância económica, social e cultural e que está em constante mutação, procurando responder às necessidades dos turistas e, especialmente, das novas gerações. Posto isto, o aparecimento de novos mercados de nicho e do turismo 2.0 enaltecem novos interesses por parte dos visitantes, que começam a mostrar curiosidade em visitar locais históricos e culturais, assim como em vivenciar o modo de vida da população das cidades que visitam. Este é um caso que se aplica à cidade do Porto e, mais concretamente, a São Vitor e às “ilhas” que tanto caracterizam este arruamento.

Ao longo dos últimos 10 anos, têm-se verificado alterações no tecido residencial e funcional da Rua de São Vitor, resultando na conversão de várias tipologias de habitação em alojamento local, assim como na reabilitação de edificado e, por consequência, deu-se o encerramento de vários estabelecimentos de comércio tradicional e a abertura de novos estabelecimentos com atividade mais direcionada aos turistas. Por este motivo, é possível afirmar que neste arruamento tem decorrido um processo de gentrificação turística. De maneira a perceber que impactos socioeconómicos foram gerados pelo processo de gentrificação turística nas “ilhas” de São Vitor nos últimos 10 anos, foram realizadas 13 entrevistas de resposta aberta a vários moradores de diferentes “ilhas”, que prestaram o seu testemunho no que diz respeito à saída e entrada de novos residentes, à alteração de preços, às principais transformações que ocorreram e, por fim, à alteração de hábitos, permitindo recolher dados qualitativos que fundamentam esta pesquisa. Ainda através da realização das entrevistas, foi recolhido o testemunho de um ex-morador de uma das “ilhas” que é atualmente um alojamento local.

Da análise dos dados recolhidos, pode-se concluir que houve uma rutura do sentimento de comunidade por parte da população da Rua de São Vítor que, ao longo da elaboração deste trabalho, mostrou algum descontentamento face ao desaparecimento das “ilhas”, do comércio tradicional e, especialmente, face ao convívio que adultos e crianças tinham em tempos mais remotos e que, atualmente, é praticamente inexistente.

Palavras-chave: Turismo; Gentrificação turística; “Ilhas”; São Vítor; Turistificação.

Abstract

Tourism is an activity with great economic, social and cultural importance, which is constantly changing, seeking to respond to the needs of tourists and, especially, of the new generations. That said, the emergence of new niche markets and tourism 2.0 have heightened new interests on the part of visitors, who begin to show curiosity in visiting historical and cultural sites, as well as in experiencing the way of life of the population of the cities they visit. This is a case that applies to the city of Porto and, more specifically, to São Vítor and the “ilhas” that so characterize this street.

Over the last 10 years, there have been changes in the residential and functional fabric of São Vítor Street, resulting in the conversion of several “ilhas” into local accommodation, as well as the rehabilitation of buildings and, consequently, the closing of several traditional commercial establishments and the opening of new establishments with activity more directed to tourists. For this reason, it is possible to state that a tourist gentrification process has taken place in this street. In order to understand the socio-economic impacts generated by the tourist gentrification process in the “ilhas” of São Vítor in the last 10 years, 13 open-response interviews were carried out with several residents of different “ilhas”, who gave their testimony in respect to the departure and entry of new residents, the change in prices, the main changes that occurred and, finally, the change in habits, allowing the collection of qualitative data that support this research. Also, through the interviews, the testimony of a former resident of one of the “ilhas” that is currently a local accommodation was collected.

From the analysis of the data collected, it can be concluded that there was a rupture in the sense of community on the part of the population of São Vítor Street who, throughout the preparation of this work, showed some discontent with the disappearance of the “ilhas”,

of traditional commerce. and, especially, given the coexistence that adults and children had in more remote times and which, currently, is practically non-existent.

Keywords: Tourism; Tourist Gentrification; “Ilhas”; São Vítor; Touristification

Índice

Agradecimentos	2
Resumo	4
Abstract.....	6
Índice de Figuras	10
Índice de Tabelas	12
Glossário.....	14
Lista de Siglas e Acrónimos	16
Capítulo 1 - Introdução.....	18
1.1. Pertinência do trabalho e justificação do tema	21
1.2. Objetivos da dissertação	22
1.3. Estrutura da dissertação	22
Capítulo 2 - Revisão de Literatura.....	25
2.1. Gentrificação e Gentrificação Turística.....	25
2.2. Turistificação	31
2.2.1. Distinção entre gentrificação e turistificação	33
2.3. O Turismo Contemporâneo e as Novas Práticas Turísticas	35
Capítulo 3 - Metodologia.....	42
Capítulo 4 - O Turismo na Cidade do Porto.....	45
4.1. O turismo do século XIX ao século XXI.....	45
4.2. O <i>boom</i> turístico e o impacto da pandemia	48

Capítulo 5 - As “ilhas” portuenses	52
5.1. A origem das “ilhas”.....	54
5.2. As “ilhas” da rua de São Vítor.....	55
Capítulo 6 – Resultados.....	60
6.1. Caracterização residencial e funcional da área de estudo.....	60
6.2. Análise de entrevistas	68
6.2.1. Abordagem numa perspetiva de dentro da “ilha”.....	69
6.2.2. Abordagem numa perspetiva da Rua de São Vítor.....	74
6.2.3. O lote número 104 – do passado à atualidade	82
Capítulo 7 – Considerações Finais	86
Referências	89

Índice de Figuras

Figura 1 - Enquadramento da área de estudo (Rua de São Vítor).....	21
Figura 2 - Representação ilustrativa do conceito de gentrificação.....	28
Figura 3 - Manifestações visuais na Rua dos Mercadores.....	31
Figura 4 - Distinção entre os conceitos de gentrificação e turistificação.....	33
Figura 5 - Esquema metodológico seguido no desenvolvimento da investigação.....	42
Figura 6 - Estrutura da entrevista realizada aos moradores.....	43
Figura 7- Distinções da cidade do Porto como melhor destino europeu em 2012, 2014 e 2017.....	49
Figura 8 - Morfologia e principais tipos de "ilhas" portuenses.....	53
Figura 9 - Reabilitação da "ilha" da Dalila.....	57
Figura 10 - Reabilitação do lote número 99, agora denominado "99 coloured socks" ..	58
Figura 11 - Reabilitação da "ilha" do Padeiro, atualmente denominada "Ilha" D'Ouro.	58
Figura 12 - Identificação das “ilhas”, em São Vítor.....	60
Figura 13 - Casa pertencente à "ilha" nº 116 em obras e casas modificadas da "ilha" nº 182.....	61
Figura 14 - Aviso de impossibilidade de efetuar reservas para o AL “99 colored socks”.....	62
Figura 15 - Tipologia dos alojamentos das “ilhas” em São Vítor.....	63
Figura 16 - Exemplos de diversos estabelecimentos de comércio e serviços que estão encerrados na Rua de São Vítor.....	64
Figura 17 - Caracterização funcional de São Vítor.....	65
Figura 18 - Comércio tradicional localizado na Rua de São Vítor.....	66
Figura 19 - Estabelecimentos direcionados para o turismo presentes na Rua de São Vítor.....	67

Figura 20 - Etapas que concebem o conceito de gentrificação.....	68
Figura 21 - Casa degradada pertencente à "ilha" nº 23 que está à venda por 120 mil euros	73
Figura 22- Fotografias tiradas na "Ilha" do Padeiro, em finais dos anos 30	83
Figura 23 - Fotografias tiradas na "Ilha" do Padeiro em finais dos anos 50	83
Figura 24 - Fotografias atuais da "Ilha" D'Ouro.....	84

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Aspetos positivos e negativos do turismo	19
Tabela 2 - Distinção entre os conceitos de gentrificação e turistificação.....	35
Tabela 3 - Tráfego de passageiros nos principais aeroportos: Lisboa, Porto e Faro de 1970 a 1989	47
Tabela 4 – Respostas esquematizadas dos moradores das “ilhas” relativamente às questões sobre a saída e entrada de novos residentes.....	69
Tabela 5 - Respostas dos moradores das “ilhas” relativamente à alteração de preços e abordagem para compra de casa.....	72
Tabela 6 - Respostas esquematizadas dos moradores das “ilhas” relativamente às questões sobre a saída e entrada de novos residentes.....	74
Tabela 7 - Respostas dos moradores das “ilhas” relativamente às principais transformações no arruamento.....	76
Tabela 8 - Respostas dos moradores das “ilhas” relativamente às questões de alteração de hábitos.....	78
Tabela 9 - Respostas dos moradores das “ilhas” relativamente à alteração do local de compras.....	79
Tabela 10 - Respostas dos moradores das “ilhas” relativamente ao que tem mudado mais no que diz respeito à alteração de hábitos	81

Glossário

Back-to-back houses – Casas térreas construídas no Reino Unido desde finais do século XVIII ao início do século XX, durante a Revolução Industrial, de forma a acomodar a população que aumentava rapidamente devido à expansão das cidades industriais. Os materiais utilizados para as construir eram de fraca qualidade, e a sua configuração era pequena, sem ventilação ou saneamento suficientes.

Ciberturismo – Refere-se à prática do turismo através da utilização da internet – blogues, *websites*, informação, fotos e vídeos, planeamento de viagens, etc.

Conceito polissémico – Conceito que tem vários sentidos.

Disneyficação – Processo de substituição da imagem real de um local, por uma aparência idealizada, padronizada e superficial, mais adequada aos turistas.

Espaço urbano – Espaço heterogéneo, de elevada densidade de habitantes, construções e estabelecimentos de comércio e serviços, que favorece o contacto e a relação com o exterior.

Estandardização – Ato ou efeito de padronização ou uniformização.

Fachadas – Lado principal (voltado ao espaço público) do exterior de um edifício.

Inexorável – A que não se pode escapar; inelutável.

Mercados de nicho – Grupo menor dentro de um determinado setor, com necessidades e interesses específicos.

Millennials – Geração de pessoas que nasceram entre os anos de 1980 e 2000.

Usualmente, esta geração está marcada pela utilização mais frequente da internet, dos

dispositivos móveis e das redes sociais, e por isso são denominados, por vezes, os nativos digitais.

Polarização – Concentração de ideias em dois pontos opostos.

Processo coercivo – Que obriga ou sujeita pela intimidação, força ou violência.

Proto – Exprime a noção de primeiro ou anterior.

Slumming – Prática social de visitar bairros de baixa renda, de imigrantes ou pobres.

Stakeholders – Grupo de pessoas e/ou instituições que possuem algum tipo de interesse nos processos e resultados do planeamento de um território.

Turismo de massa ou *Overtourism* – É um fenómeno que tem significados díspares no tempo e no espaço, e não pode ser visto como o correspondente à massificação turística, pois existem destinos que realmente estão preparados para o turismo em massa, uma vez que foram pensados e planeados para esse efeito. O mesmo não acontece noutros destinos, que cresceram culturalmente com outras funções, e que perante esta atividade turística, se viram invadidos, alterando os seus dispositivos e dinâmicas do lugar. Alguns autores defendem a utilização da expressão “capacidade de carga turística”.

Turismofobia – Aversão ou rejeição social ao turismo de massa ou aos turistas em geral, pela alteração da qualidade de vida da população.

Lista de Siglas e Acrónimos

AL – Alojamento Local

AMP – Área Metropolitana do Porto

DINKS – *Double income and no kids*

ICOMOS – *International Commission of Monuments and Sites*

INE – Instituto Nacional de Estatística

OMT – Organização Mundial do Turismo

SCSV – Sporting Clube de São Vítor

s.d. – sem data

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Capítulo 1 - Introdução

Em muitas cidades, o turismo é uma atividade que representa uma grande parte da dinâmica económica e que contribui substancialmente para o crescimento das mesmas. Ao longo dos anos, e para além dos efeitos positivos que o turismo traz, sobretudo nas áreas mais antigas, com a criação de novos empregos, a reabilitação de espaços urbanos degradados e a criação de riqueza, também foram sendo evidenciados alguns efeitos negativos, sobretudo através do turismo massificado e pelo desaparecimento de negócios tradicionais. Por isso, pode dizer-se que o turismo e os turistas desencadeiam, diariamente, mudanças fundamentais na vida física, social e económica das cidades e, como todas as dinâmicas urbanas, desencadeiam efeitos positivos e efeitos negativos (Fernandes, Carvalho, Chamusca, & Pinto, 2018).

É certo que, em algumas cidades, começa a emergir uma monocultura turística, comprometendo “o direito a habitar a cidade e a impor muitas e irreversíveis transformações tipológicas e construtivas” (Oliveira I. , 2018). Por isso, é necessário que estas alterações sejam feitas de forma moderada e respeitando, sempre, os diferentes equilíbrios socioeconómicos e a correta gestão do património. Quando tal não acontece, muitas famílias ficam sem possibilidade económica para responder ao aumento dos preços do comércio, dos terrenos e das casas, e são obrigadas a abandonar as mesmas sem qualquer outra escolha (Gusman, Rio Fernandes, Chamusca, & Pinto, 2020). Consequentemente, conceitos como a gentrificação turística e a turistificação, tornam-se extremamente importantes para este estudo.

Assim sendo, torna-se também relevante especificar quais os efeitos positivos e quais os efeitos negativos do turismo, tendo sempre em conta que estes dependem da

forma como a atividade turística é gerida nas diferentes cidades, especialmente nas que dependem economicamente da mesma.

Tabela 1 - Aspetos positivos e negativos do turismo

Aspetos positivos	Aspetos negativos
Criação de emprego	Precarização do emprego
Reabilitação de espaços urbanos degradados	Perda de população nos centros históricos
Contribuição para o crescimento e desenvolvimento urbano	Invasão por parte de soluções de alojamento local
Investimento no centro	Turismo massificado
Criação de novo valor económico às zonas antigas das cidades	Aumento dos preços do comércio, dos terrenos e das casas
Revalorização de recursos presentes no tecido antigo das cidades	Despejos
Motor económico, social e cultural	Perda do sentido de comunidade por parte da população
Atribuição de um novo potencial económico ao património edificado	Desaparecimento dos negócios tradicionais
Maior procura por gastronomia e artesanato locais	Mudanças funcionais direcionadas para os visitantes
As tradições locais são mantidas, uma vez que os turistas as apreciam	Perda patrimonial e cultural
As novas infraestruturas para os turistas, também podem beneficiar os locais (ex.: novas estradas)	Danos no meio ambiente (ex.: lixo no chão, destruição de habitats para lugares de hotelaria e turismo)

Fonte: Elaboração própria, com base em Pinto & Ferreira (2019), Fernandes, Carvalho, Chamusca & Pinto (2018), Matos (2017), Barbosa & Lopes (2019)

No caso da cidade do Porto o turismo foi o grande catalisador da transformação, sendo que “a rápida mudança nos usos e funções do espaço urbano por via do turismo tornou-se evidente nas alterações residenciais” (Pinto & Ferreira, 2019), originando uma invasão por parte de soluções de alojamento local e uma alteração da oferta comercial, que passa a substituir o comércio tradicional. Por isso, estas dinâmicas originaram fenómenos que levaram a ICOMOS “a chamar a atenção para os riscos que corre este

Património da Humanidade” (Gusman, Rio Fernandes, Chamusca, & Pinto, 2020), sendo estes a demolição e reconstrução de edifícios icónicos, uma vez que não preservam as suas características nem o valor histórico da sua paisagem urbana, e a contínua perda de população e aumento da pressão turística (Gusman, Rio Fernandes, Chamusca, & Pinto, 2020).

Ao longo dos últimos anos, e de acordo com estudos realizados, a transformação das “ilhas” para fins turísticos tem sido comum na cidade, vendendo uma ideia de autenticidade e de um modo de vida portuense, em que o cenário envolvente e os residentes funcionam como uma espécie de museu dinâmico. Este processo reflete-se no caso de estudo abordado nesta dissertação: a Rua de São Vítor. Este é um arruamento situado na freguesia do Bonfim, concelho do Porto, muito marcado pela tipologia de habitação denominada “ilha” sendo que, segundo os relatos dos residentes, nos últimos dez anos tem-se assistido a uma alteração da estrutura residencial, social, cultural e económica/funcional, que é denominada de gentrificação turística. Este processo despoletou “um enorme debate em torno das virtudes e defeitos do turismo” (Pinto & Ferreira, 2019), uma vez que, atualmente, os residentes consideram ter havido uma perda do sentido de comunidade no local. Por isso, vários autores salientam a importância de se ter em conta os valores culturais da cidade, uma vez que a cultura é um dos grandes impulsores do turismo (Gusman, Rio Fernandes, Chamusca, & Pinto, 2020).

Figura 1 - Enquadramento da área de estudo (Rua de São Vítor)



Fonte: Elaboração própria

1.1. Pertinência do trabalho e justificação do tema

O presente trabalho de investigação foi realizado no seguimento do plano de estudos do Mestrado em Turismo e Desenvolvimento de Negócios no Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo, sob a orientação do Professor Doutor Jorge Ricardo Pinto e coorientação do Professor Doutor José Alberto Rio Fernandes, para obtenção de grau de Mestre. A escolha do tema deveu-se, essencialmente, ao interesse pessoal pela área de Geografia e pela cidade do Porto tendo como objetivo primário combinar as duas temáticas com o Turismo. Neste contexto, surgiu o tema da gentrificação turística na cidade do Porto, englobando também as “ilhas” que já eram locais de interesse e que foram previamente estudadas e até visitadas durante a licenciatura em Geografia. Este é um tema que ainda carece de alguns estudos, sobretudo do ponto de vista turístico e das mudanças despoletadas pelo mesmo nos últimos dez anos, mais precisamente no caso específico das “ilhas” da Rua de São Vítor, para o que se recorreu a entrevistas realizadas aos seus moradores.

1.2. Objetivos da dissertação

O principal objetivo deste trabalho é estudar as transformações turísticas e socioeconômicas que ocorreram ao longo dos últimos dez anos nas “ilhas” e na Rua de São Vítor, tendo como base conceitos como a gentrificação turística e a turistificação, e entrevistas realizadas aos moradores da rua. Para se fazer cumprir o objetivo principal, foi necessário concretizar uma cadeia de objetivos secundários, sendo estes:

- I. Compreender os principais conceitos para o desenvolvimento deste projeto, tais como gentrificação e gentrificação turística, turistificação, turismo contemporâneo e novas práticas do turismo, e “ilhas”;
- II. Realizar trabalho de campo com o fim de estudar o arruamento e identificar quantas “ilhas” existem atualmente, a sua tipologia e perceber se estão inalteradas, parcialmente modificadas ou totalmente modificadas;
- III. Executar entrevistas de resposta aberta a um morador de cada “ilha”, com o intuito de perceber as mudanças que ocorreram nos últimos dez anos;
- IV. Realizar uma base de dados onde se encontram sumarizadas as entrevistas executadas, com a finalidade de compreender as tendências produzidas pelas alterações turísticas no arruamento;
- V. Produzir cartografia automática focada na Rua de São Vítor, de forma a produzir instrumentos de análise relevantes no apoio ao estudo.

1.3. Estrutura da dissertação

A presente dissertação estrutura-se em sete capítulos, com total enfoque em fazer cumprir os objetivos dispostos no ponto anterior. Assim, o primeiro capítulo baseia-se na importância das alterações positivas e negativas provocadas pela atividade turística, seja

num panorama geral, seja em relação à cidade do Porto. Trata também a justificação da escolha do tema, a enumeração dos diversos objetivos, secundários e principal e a descrição da estrutura do trabalho. O segundo capítulo pretende demonstrar o conhecimento acumulado acerca dos conceitos mais importantes para o estudo, tais como gentrificação e gentrificação turística, turistificação e turismo contemporâneo. O terceiro capítulo foca-se na metodologia que sustenta a dissertação, ou seja, nos procedimentos que foram seguidos para alcançar a resposta à questão de partida. O capítulo seguinte, o quarto, tem como finalidade dar conta da evolução do turismo na cidade do Porto, percebendo o que foi feito ao longo dos anos, assim como explicar como se deu o *boom* turístico e, por fim, dar a conhecer alguns dos efeitos negativos da atual pandemia na cidade.

No quinto capítulo é feita uma descrição pormenorizada sobre o conceito de “ilha”, dando-se a conhecer um pouco sobre a sua origem no tempo e no espaço e, também, caracterizando as “ilhas” que ainda existem na Rua de São Vítor, através da abordagem às transformações que ocorreram ao longo dos últimos anos. No capítulo seis pretende-se fazer uma análise dos resultados obtidos e que conjugam o trabalho de campo e as entrevistas realizadas aos moradores. Neste ponto, a cartografia é utilizada como instrumento de representação do que pode ser visto no local, isto é, quantas “ilhas” existem efetivamente na Rua de São Vítor, a sua tipologia e, também, do que pode ser observado a nível funcional, ou seja, que serviços e comércio estão disponíveis e se, realmente, são infraestruturas que estão pensadas para os moradores ou se estão mais direcionadas para a atividade turística e, conseqüentemente, para os turistas que visitam e que pernoitam nos alojamentos localizados no arruamento. Ainda no mesmo ponto, é feita uma análise das entrevistas realizadas aos residentes, com a elaboração de tabelas que representam as respostas recolhidas e que pretendem dar a perceber, sob a perspetiva

dos moradores, que alterações ocorreram no arruamento ao longo dos últimos dez anos, a que se acrescentam outros relatos que são de extrema relevância para esta dissertação, como o testemunho de um ex-morador de uma das “ilhas” que é, atualmente, um alojamento local. Por fim, no sétimo e último capítulo, são apontadas as principais considerações finais alcançadas ao longo deste projeto, combinando a revisão de literatura com o trabalho de campo, a cartografia e as entrevistas realizadas.

Capítulo 2 - Revisão de Literatura

2.1. Gentrificação e Gentrificação Turística

A cidade canónica está, ao longo dos anos, sujeita a contínuos processos de transformação. A sua consideração como um item de consumo, despoletou inúmeras transformações urbanísticas nas cidades, com o intuito de atrair mais consumidores e visitantes (Minguez, Piñeira, & Tabales, 2020).

O conceito de gentrificação começou a ser estudado pela socióloga Ruth Glass em 1964, ano em que o termo se integrou no léxico urbano. No entanto, foi-se disseminando com especial força a partir do final do século XX, devido à rápida e intensa alteração dos espaços urbanos ocidentais. Segundo Ojeda e Kieffer (2020), gentrificação é um conceito que é, diversas vezes, mal utilizado na investigação turística, uma vez que é associado aos conceitos de turismofobia e de turistificação.

Simplificando um conceito complexo, a gentrificação refere-se ao processo de mudança de um bairro ou área urbana, provocada pela chegada de uma nova população residente de uma população flutuante (turistas, estudantes internacionais, ...) com maior poder económico que a população que até então ali habitava. Em regra, é um processo que ocorre em áreas em declínio ou onde residem classes mais pobres, mas que suscitam interesse a classes endinheiradas por um conjunto de motivos diversificados. Estes espaços podem ser considerados atrativos ou interessantes “do ponto de vista patrimonial, identitário ou cultural, do ambiente social e da vibração urbana, ou porque o valor do solo e o comércio local têm preços baixos e competitivos” (Pinto & Ferreira, 2019). Usualmente, os primeiros e mais recentes moradores, dito “gentrificadores”, são artistas, ou pertencem a uma franja social associada a uma dinâmica cultural, elitista ou radical, ocupando áreas mais desfavorecidas, o que cria uma tendência que, mais tarde se

vulgariza para grupos sociais mais favorecidos e endinheirados, promovendo o negócio e o aparecimento de investidores imobiliários prestigiados. A gentrificação pode ser um processo cíclico ou um processo complexo de articulação entre a mudança residencial e económica ou funcional (Fernandes, Carvalho, Chamusca, & Pinto, 2018).

A abordagem cíclica refere-se ao retorno de residentes a locais em decadência, à procura de acessibilidades como bens e serviços, e qualidade de vida. De acordo com Richard Florida, procuram também facilidades urbanas como comércio, restaurantes, cafés, espaços culturais, ou até procuram, simplesmente, locais mais acessíveis para praticarem as suas atividades. O processo inicia-se com grupos pioneiros, que se mudam em primeiro lugar para determinado local, melhorando e produzindo pequenas alterações no espaço; normalmente, estes pioneiros são seguidos por residentes com maior poder de compra, famílias jovens (DINKS), que fazem com que os preços aumentem, através do arrendamento de edifícios remodelados de elevado prestígio, desencadeando novas instalações ou, posteriormente, através da aquisição por parte de agências imobiliárias (Pinto & Ferreira, 2019).

Relativamente ao processo de articulação entre a mudança residencial e funcional, usualmente a gentrificação residencial dá-se ao mesmo tempo com a mudança funcional. Os novos utilizadores da cidade, exigem novos tipos de serviços urbanos, levando a uma polarização orientada para o mercado e ao desaparecimento de comércio tradicional, que é substituído por soluções pós-modernas e por variantes ligadas ao turismo (Carvalho, Chamusca, Fernandes, & Pinto, 2019).

A gentrificação desperta muitas vezes uma reação de contestação, essencialmente por parte da população local e por meios académicos, que evidenciam a perda patrimonial e cultural que se associa às transformações acima descritas, mais especificamente o “desaparecimento de algumas práticas quotidianas, celebrações ou cultos, e os laços

comunitários” (Pinto & Ferreira, 2019), assim como a transformação da paisagem e da mudança arquitetónica exterior e interior de edifícios e lojas, o que pode gerar uma certa turismofofia. Para além disto, uma vez que há uma mutação no espaço, os residentes mais antigos perdem referências e hábitos que definem o seu quotidiano (Cocola-Gant, 2018).

Neste contexto, é importante referir o conceito de gentrificação turística, que se assemelha ao processo normal de gentrificação, no entanto o agente de mudança, ou seja, o novo habitante ou utilizador do bairro, é o turista. Embora este não resida no lugar e apenas o frequente temporariamente, ainda assim tem impacto no valor do solo, na subida dos preços praticados pelo comércio, e em modificações de algumas práticas sociais e culturais, favorecendo uma mudança progressiva na população e na paisagem do lugar (Pinto & Ferreira, 2019).

Ao longo dos anos, foram realizados vários estudos, como os de Fernandes (2011, 2013) e Queirós (2007, 2013, 2016), que pretendiam relacionar a gentrificação e o turismo, especialmente no que diz respeito à apropriação espacial por parte de atividades ligadas ao turismo (Alves, 2017). Fernandes faz questão de afirmar que o turismo é motor de um novo valor económico nas zonas antigas da cidade, sendo que esta atividade justifica o investimento no centro, na requalificação de edifícios que visa a promoção de atividades comerciais que se relacionam com o turismo, tais como lojas de artesanato, hotéis, hostels, restaurantes, entre outros. Já Queirós, apresenta uma visão mais crítica, afirmando que a atitude pró-gentrificação tem como finalidade transformar a imagem da cidade e direcioná-la para visitantes e famílias com maiores rendimentos. Afirma ainda que “as estratégias de requalificação e de *marketing* territorial dirigidas ao centro têm tido, ao longo das últimas décadas, um papel decisivo na expulsão de antigos residentes, nomeadamente os com baixo poder aquisitivo e na atração de atividades que promovem a especulação imobiliária” (Matos, 2017); (Alves, 2017).

Figura 2 - Representação ilustrativa do conceito de gentrificação



Fonte: APEGAC (Associação Portuguesa das Empresas de Gestão e Administração de Condomínios)

Decerto que o turismo tem contribuído para a revalorização de recursos presentes no tecido antigo de muitas cidades, muitas vezes em processo de deterioração e inutilizados, para a reabilitação urbana e para a criação de postos de trabalho (Barbosa & Lopes, 2019), mas há que ter em conta deficiências de planeamento e de gestão, do que pode resultar uma “perda da multifuncionalidade destes espaços, quando não de cidades inteiras, colocando em causa funções residenciais, económicas e administrativas, como de resto o próprio carácter dos lugares e/ou da cidade” (Gusman, Rio Fernandes, Chamusca, & Pinto, 2020).

Por isso, apesar de a gentrificação turística ter especial importância em cidades que dependem do turismo como fator de desenvolvimento, como se verifica em várias cidades de Portugal e é o caso do Porto, também é importante mencionar os aspetos negativos que este processo pode desencadear. São de destacar as mudanças funcionais que ocorrem e que estão direcionadas para os utilizadores temporários das cidades; o aumento dos preços imobiliários que, combinado com as mudanças mencionadas, se tornam insustentáveis para a população local e resulta num progressivo abandono do lugar, por troca com espaços com preços mais moderados; despejos; a perda de tradições e, por fim, desaparecimento de negócios tradicionais (Fernandes, Carvalho, Chamusca,

& Pinto, 2018). Ainda dentro do mesmo tópico, são mencionados aspetos negativos tais como “(...) a concorrência desleal entre estabelecimentos turísticos; o encerramento de espaços associativos e do comércio tradicional; a precarização do emprego ligado ao sector; e, principalmente, o aumento do preço da habitação, afetando, não apenas as classes populares e a população envelhecida, mas também a juventude e uma franja significativa das classes médias” (Barbosa & Lopes, 2019).

Entre outras situações famosas em cidades de turismo, é de relevar o caso do “Bairro Gótico” de Barcelona, marcado pela residência de classe média e que tem vindo a experienciar um processo de gentrificação, desde o início de 1990. Aqui, o crescimento do alojamento turístico desencadeou uma contestação por parte da população, que afirma que este processo tem vindo a afastar os residentes, uma vez que estes são expulsos das suas habitações, há um aumento das rendas, problemas de acessibilidade e pressão por parte dos investidores turísticos (Gant, 2016). Para além destes fatores, o autor refere que os moradores acabam também por vender as suas propriedades a investidores, uma vez que o barulho causado pelos turistas que por ali passam uns dias causa muita perturbação ao seu quotidiano (Cocola-Gant, 2018). Segundo o mesmo autor, o crescimento deste fenómeno resulta num ciclo vicioso, visto que direciona o alojamento para os visitantes, em vez de servir para uso residencial e, por isso, cria um efeito de bola de neve, sendo que a área perde residentes e exclui outros potenciais interessados em estabelecerem ali a sua residência. Dá-se uma substituição da vida residencial pelo turismo (Gant, 2016).

Nalgumas situações, a gentrificação pode afetar grupos específicos da população, tal como: 1) a população envelhecida que resistiu a mudar-se durante a perda populacional dos centros históricos, e que é muitas vezes notificada a abandonar as suas casas; 2) a população que vive de rendimentos reduzidos e que, não tendo um contrato vitalício, é despejada e posteriormente encaminhada para bairros sociais ou áreas com menos

prestígio da cidade; 3) os jovens estudantes ou precários, que em muitos casos têm necessidade de partilhar casa por não possuírem rendimentos suficientes e, por fim, 4) alguns segmentos da classe média trabalhadora, visto que os seus baixos salários e ausência de um trabalho estável, os impede de pagar um aluguer ou mesmo pedir um empréstimo bancário (Barbosa & Lopes, 2019).

Deste processo de gentrificação advêm também imagens e discursos de contestação por parte da população local, que estão espalhados pela cidade do Porto, e que expressam uma crítica comum no que diz respeito ao rumo que a cidade tem vindo a tomar em termos urbanísticos, sociais e políticos, utilizando um tom de ironia, humor, emoção, provocação e intimidação. No entanto, as quatro maiores críticas são “(...) a crítica à turistificação e à inversão de prioridades; à perda de identidade e essência portuense; aos despejos e à segregação socioespacial; e, por fim, à corrupção e especulação” (Barbosa & Lopes, 2019). Estas críticas são dirigidas aos responsáveis políticos, aos senhorios e proprietários, aos agentes imobiliários e, por fim, aos turistas (figura 3).

Ao longo do artigo “Descodificar as paredes da cidade – da crítica à gentrificação ao direito da habitação no Porto” são feitas análises a várias manifestações visuais que podem ser encontradas nas paredes da cidade, tais como “Um povo sem habitação”, “O Porto está bonito, mas não é para o meu guito”, que apelam à inacessibilidade por parte dos residentes à cidade, não tendo poder de compra para usufruir da mesma; “O Porto já não são tripas”, que critica a perda de identidade e a destruição de certas tradições populares; “O Porto Não se Vende”, “Olhos fechados”, são também críticas espalhadas pela cidade que se referem aos despejos dos moradores e à segregação socioespacial; e,

por fim, “Proibido especular”; “Senhorios corruptos” que indicam a corrupção e a especulação de que os residentes são vítimas (Barbosa & Lopes, 2019).

Figura 3 - Manifestações visuais na Rua dos Mercadores



Fonte: Barbosa & Lopes (2019)

2.2. Turistificação

A turistificação caracteriza-se por ser, de uma maneira sumarizada, um processo complexo em que interferem vários *stakeholders*, que transformam um território através da atividade turística (Ojeda & Kieffer, 2020). No entanto, ao longo dos últimos anos, este conceito foi sendo utilizado por outras áreas, para além da Geografia e do Turismo, com uma conotação distinta e, conseqüentemente negativa do turismo, entendendo o mesmo como a massificação de um destino, ou mesmo como sinónimo de gentrificação ou turismofobia. Na perspetiva da Geografia do turismo, a turistificação implica processos de mudança nas dinâmicas socioeconómicas e nas componentes paisagísticas e ambientais de um determinado território. Por isso, a turistificação refere-se a um processo complexo de transformação territorial causada pelo turismo, onde os *stakeholders* e a sua relação com o território têm um papel fundamental. É através deste processo que o turismo dialoga com o território, gerando transformações sociais,

culturais, políticas, económicas, ambientais e físicas, e inserindo também novos objetos, de que são exemplo equipamentos de hospedagem, equipamentos de lazer, restauração, entre outros, que, usualmente, tomam conta de objetos já existentes e modificam as suas antigas funcionalidades, adaptando-as à nova realidade. É importante salientar que estas transformações nem sempre são evidentes a nível da perceção visual e, portanto, é necessário recorrer a uma reflexão mais pormenorizada e minuciosa (Leite, 2008). “Um efeito particular que a turistificação pode gerar no território é o processo de urbanização turística (...)” (Leite, 2008) uma vez que o turismo altera as dinâmicas locais de forma a que desenvolvam infraestruturas necessárias ao desenvolvimento turístico. Este termo pode, também, ser definido como a transformação do turismo como “prática cultural” numa estratégia de política urbana que se foca na (re)criação de uma nova cidade para a atração de turistas (Sequera & Nofre, 2018).

Como mencionado anteriormente, sendo turistificação um conceito com variações linguísticas e com vários sinónimos, utilizado de forma errónea ou errática, muitos estudiosos consideram o termo um conceito vazio (*empty concept*). (Ojeda & Kieffer, 2020), cujo significado é ambíguo, subjetivo e aberto a várias interpretações ou definições que, talvez por isso mesmo, nos últimos anos tem ganhado muita popularidade, especialmente nos media, uma vez que ganha utilização como sinónimo da rejeição do turismo, principalmente pela população local.

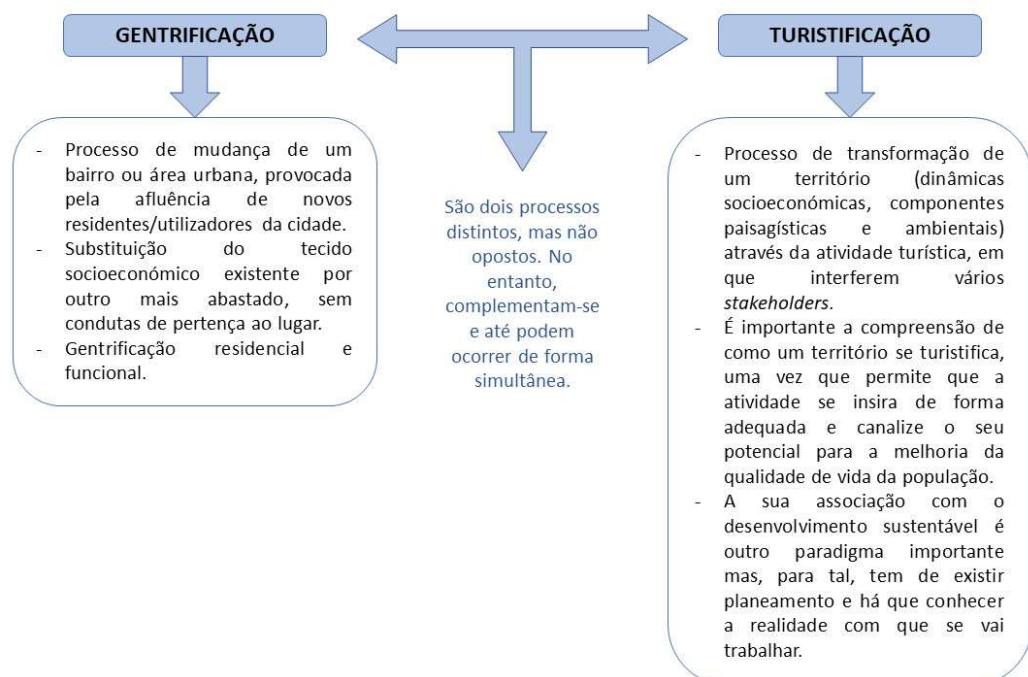
Ojeda e Kieffer (2020), afirmam ainda que é importante continuar a investigação do conceito, porque após a pandemia da Covid-19, terá lugar uma reorganização por parte dos *stakeholders* na turistificação de muitos locais.

Na dissertação de mestrado de Leite (2008) são explicitados dois motivos pelos quais a investigação sobre a turistificação do território é útil e necessária. O primeiro motivo prende-se com o facto de o turismo ser um significativo fator de transformação

da paisagem e do território e, por isso, a compreensão de como um território se turistifica pode ser muito útil ao permitir que a atividade se insira de forma adequada no espaço e canalize o seu potencial para a melhoria da qualidade de vida da população do local. O segundo motivo relaciona-se com a sua associação com o desenvolvimento sustentável. Para tal, tem de existir planeamento e, por este motivo, a autora afirma que é indispensável conhecer a realidade com que se vai trabalhar e, nesse sentido “entender como se turistifica um território não é apenas útil, mas sim fundamental (...)” (Leite, 2008) para o planeamento territorial, assim como para a sustentabilidade desse mesmo território.

2.2.1. Distinção entre gentrificação e turistificação

Figura 4 - Distinção entre os conceitos de gentrificação e turistificação



Fonte: *Elaboração própria, com base em Sequera & Nofre (2018), Leite (2008), Ojeda & Kieffer (2020),*

Pinto & Ferreira (2019), Fernandes, Carvalho, Chamusca & Pinto (2018)

Seguindo o esquema acima apresentado, baseado na revisão de literatura efetuada para este trabalho, a gentrificação e a turistificação devem ser vistos como dois processos

distintos, mas não opostos. Quer isto dizer que se complementam e podem até, ocorrer de forma simultânea (Sequera & Nofre, 2018).

A tabela 2, abaixo representada, foi realizada por Sequera & Nofre (2018), tendo por base as várias definições expostas por diversos autores ao longo dos anos que, acopladas, dão origem às diferenças entre os dois conceitos.

Neste sentido, os autores explicitam que, no caso da gentrificação, a classe que é deslocada é a classe trabalhadora, sendo esta substituída por uma classe mais alta e, relativamente às mudanças no comércio a retalho, este torna-se mais sofisticado e refinado. A nível demográfico, há uma substituição de população o que, por vezes, dá origem a conflitos urbanos tais como as “guerras” entre classes. No caso da turistificação, os autores salientam que há uma deslocação entre classes, substituída por uma diversidade das mesmas. O comércio a retalho passa a ser “Disneyficado”, ou seja, há uma substituição do que é real por uma idealização da aparência em algo superficial e mais adequado aos turistas. Na perspetiva demográfica, dá-se um despovoamento da área geográfica em questão, que cria conflitos urbanísticos tais como a degradação das condições de habitabilidade das comunidades. As propriedades passam a ser não só detidas pelos proprietários, mas também pelo mercado imobiliário local e transnacional, assim como fundos de investimento de risco, passando a haver uma índole de acomodação temporária (Sequera & Nofre, 2018).

Tabela 2 - Distinção entre os conceitos de gentrificação e turistificação

	GENTRIFICATION	TOURISTIFICATION
Displacement	Working classes	Cross-class displacement
Class	Upscaling class	Class diversity
Retail changes	'Chic', 'Sophisticated'	'Disneyfication'
Demographics	Population replacement	Depopulation
Urban conflict	Class war	Worsening of community liveability
Properties	Owners	Transnational and local real estate market & Risk investment funds Owners
Housing	Residential	Temporary accommodation

Source: Authors.

Fonte: Sequera & Nofre (2018)

2.3. O Turismo Contemporâneo e as Novas Práticas Turísticas

O turismo tem sido um motor económico, social e cultural muito importante em várias cidades, e que, ao mesmo tempo trouxe uma nova vida às mesmas. Ainda assim, o conceito de turismo é difícil de definir, porque esta atividade está em constante mutação, o que significa que se altera ao longo dos anos, tentando responder às mudanças de necessidades dos turistas e das novas gerações (Oliveira T. A., 2019). Por isso, é considerado um fenómeno multifacetado que tem vindo a perder a sua especificidade ao longo das últimas décadas do século XX (Gravari-Barbas, Jacquot, & Cominelli, 2019). Para além disto, é um conceito com diversas formas de análise e compreensão, ou seja, é um conceito polissémico.

A palavra turismo foi utilizada na língua portuguesa, pela primeira vez, no século XX, no Dicionário Houaiss, tendo origem no termo *tour* que já existia na língua inglesa desde o ano de 1643. Já o conceito de turista foi apenas publicado pela primeira vez no ano de 1800, no *Shorter Oxford English Dictionary*, definindo-se como “Aquele que faz um *tour* ou *tours*” (Netto, 2017) ao qual, no ano de 1811, se juntou também o conceito de turismo que se definia como a prática de ir e voltar, tendo como motivação o prazer. No início do século XX, os estudos relacionados com o turismo, tinham como finalidade

entender quem era e quem não era turista, quais as suas origens, quanto gastavam nas suas viagens e como é que esse gasto se refletia no destino visitado. Por este motivo, as primeiras pesquisas tinham um especial foco económico e sociológico sobre a atividade. Desde finais do século XIX até à década de 1940, os principais investigadores na temática eram europeus (destacando-se os suíços, italianos, austríacos e alemães), porque foi nos países europeus mais desenvolvidos industrialmente que a prática do turismo floresceu com mais intensidade.

No século XX destacam-se dois autores suíços, que foram considerados por muitos os pais do estudo do turismo moderno, Walter Hunziker e Kurt Krapf, que, em 1942, caracterizam o turismo como sendo “(...) o conjunto das relações e fenómenos decorrentes das viagens e estada de forasteiros, desde que não vinculados a alguma atividade produtiva nem com residência permanente no destino” (Netto, 2017). Foi através da visão de estes dois autores, que se deu uma nova fase nos estudos do turismo, conectados a outras ciências como a sociologia, economia, estatística, engenharia e também a geografia, que resultou num maior leque de estudos e, conseqüentemente, em definições imprecisas da atividade turística. Por este motivo, em 1991, a OMT organizou uma conferência, criando terminologias específicas para o setor, definindo o turismo como “(...) as atividades de pessoas em viagem e a sua permanência nos lugares fora de sua residência habitual por não mais do que um ano consecutivo por lazer, negócios e outros propósitos não relacionados ao exercício de uma atividade remunerada no local visitado” (Netto, 2017). Esta é uma definição que tem vindo a ser adotada por muitos países, embora também tenha sofrido alguns ajustes pois, afinal de contas, o conceito de turismo é algo complexo de definir.

Este ponto foca-se no turismo contemporâneo e nas novas práticas turísticas, que se têm destacado tanto em novos mercados de nicho, como nas novas oportunidades que

o turista tem em planear as suas viagens de uma forma mais personalizada do que nunca, tendo sempre em conta os seus interesses pessoais. O turismo contemporâneo está intrinsecamente conectado ao desenvolvimento constante da internet e das novas tecnologias, aos novos interesses demonstrados pelo turista pelos locais mais ousados e menos usuais e, também, às novas gerações que, na atualidade, dão valor a outros aspetos das cidades para lá dos culturais e patrimoniais.

No que diz respeito às novas práticas e novos locais turísticos, podem-se destacar dois tipos de turistas. Por um lado, os turistas “maduros” que são grupos mais envelhecidos e que têm padrões de consumo que estão mais relacionados com a sua constituição corporal, ou seja, à menor capacidade de mobilidade e, por isto, gostam de se sentir “em casa”. Este tipo de turista é caracterizado por acumular um significativo capital e, deste modo, os sistemas de turismo local adaptaram-se a esta procura. Posto isto, desenvolveram-se, ao longo das últimas décadas, novas ofertas turísticas que convidam os visitantes a experienciar a cidade de uma forma mais segmentada e diversificada, do que as típicas e usuais *tours* dos principais pontos turísticos. Por outro lado, no início do século XXI, nasceu um novo nicho de mercado, muito direcionado para as visitas a locais anteriormente considerados inabitados ou até mesmo perigosos, de que são exemplo as favelas, subúrbios, ruínas urbanas, antigos espaços industriais, entre outros, e também a locais mais usuais e considerados banais (Gravari-Barbas, Jacquot, & Cominelli, 2019). No Brasil, por exemplo, a prática de visitar áreas degradadas ou ocupadas pela classe mais desfavorecida é denominada de “*Slumming*” (que deriva da palavra *slums* e que se refere às favelas).

Este novo interesse surgiu, principalmente, devido às novas e diferentes inovações, incluindo o desenvolvimento do “*e-tourism*”, e também à utilização da internet no setor das viagens, uma vez que “Os computadores são novos e importantes “lugares

de memória”” (Abreu, 1998). Também a procura pela identidade do lugar se destaca, assim como a singularidade que o destino tem através do seu passado e, por isso, é através de várias atividades económicas, como a construção de equipamentos culturais, a celebração de eventos artísticos e a transformação de símbolos culturais em marcas territoriais, que estão direta ou indiretamente ligadas à cultura, que atraem novos residentes e visitantes, originando que lugares centrais da cidade sejam privilegiados como espaços de produção e consumo de cultura (Gusman, Rio Fernandes, Chamusca, & Pinto, 2020). É, por estes motivos que o turista opta por práticas mais distintas e que vão para além dos locais de turismo de massas. O “troféu” das suas visitas passa a ser a fotografia, que é instantaneamente disseminada pelas redes sociais como o *Instagram* e *Facebook*, divulgando os locais mais originais e pouco acessíveis. Torna-se importante mencionar que este tipo de visitas aumenta o conhecimento do visitante e, ao mesmo tempo, este contribui para o conhecimento do espaço visitado, elevando a sua posição de lugar marginal ou desqualificado, para a inclusão na lista de locais exclusivos que deveriam ser vistos e visitados pelos seus amigos, conhecidos, colegas e seguidores.

Para além das práticas descritas anteriormente, existem também práticas com valores altruístas ou éticos. Quer isto dizer que, em algumas situações, os turistas tentam vivenciar uma visita com significado e que tenha um efeito positivo nas sociedades locais, por vezes também com um objetivo educativo (Gravari-Barbas, Jacquot, & Cominelli, 2019).

A emergência das visitas a locais de nicho e das visitas com valores éticos, não contrariou a quantidade de turistas que, ainda assim, visitam os locais habituais e optam pelos passeios turísticos mais comuns. No entanto, as práticas de nicho geram transformações urbanas, sociais e comerciais significativas. Por exemplo, a gentrificação comercial é um recurso turístico, e o turismo gera gentrificação comercial (Gravari-

Barbas, Jacquot, & Cominelli, 2019). A gentrificação comercial refere-se à substituição do comércio tradicional e pequeno comércio, por cafés, restaurantes, lojas *pop-up*, galerias de arte, entre outros (Sakızlıoğlu & Lees, 2021).

Como já foi mencionado anteriormente, a rápida evolução das redes sociais e da utilização da internet no setor hoteleiro e turístico causou uma reestruturação profunda na atividade. Por este motivo, foi criado um novo termo que se refere ao fenómeno: turismo 2.0¹ ou ciberturismo (Edo-Marzá, 2016). Neste novo tipo de turismo, são destacadas as aplicações online, serviços web, blogues, fóruns e redes sociais, sendo que estas permitiram a criação de uma comunidade mais conectada, adicionando uma perspectiva multidimensional à experiência do turista.

Os consumidores do turismo 2.0 têm a possibilidade de planear melhor as suas viagens, tendo sempre em conta os melhores preços, com acesso a informação quando e onde quiserem, podendo partilhar as suas experiências com a comunidade turística, relacionadas com paisagens, acomodação e destinos. Por isto, é possível afirmar que o turista 2.0 está cada vez mais apto para gerir mais e melhor a sua experiência turística através da internet, tirando vantagem de todos os canais de comunicação, com a finalidade de satisfazer as suas motivações específicas (Edo-Marzá, 2016).

Para além do turista, também as empresas tiram partido do turismo 2.0, pois isso permite-lhes ter um maior conhecimento acerca dos seus consumidores e das tendências, controlar a sua imagem de marca online e, por fim, e também muito importante, permite-lhes contactar diretamente os consumidores de maneira a melhor compreenderem as suas necessidades, adaptando, desta maneira, a sua oferta (Edo-Marzá, 2016).

¹ Atualmente já existem referências ao turismo 5.0, que “passará pela simbiose de 4 prismas: realidade aumentada, inteligência artificial, “blockchain” e computação quântica” (TNews, 2021).

Consequentemente, foram geradas novas possibilidades de comunicação, a correção de conceitos tradicionais e houve também um aumento das possibilidades e da informação disponível na internet. O turismo tornou-se, por isso, um fenómeno ainda mais global, multidimensional e participativo, capaz de envolver e chegar a todo o mundo com apenas um clique.

Finalmente, no que diz respeito aos jovens turistas, designadamente os chamados *Millennials*, estes são considerados o futuro do turismo, uma vez que representam uma grande parte dos turistas que viajam e visto que as suas escolhas mais originais podem desencadear novas atitudes por parte do resto da sociedade. Quando se fala na geração dos *Millennials*, fala-se dos jovens que nasceram entre os anos de 1980 e 2000. Esta geração mais juvenil tem necessidades e interesses diferentes do que a dos seus pais ou avós, em especial no contexto turístico (Cavagnaro, Staffieri, & Postma, 2018).

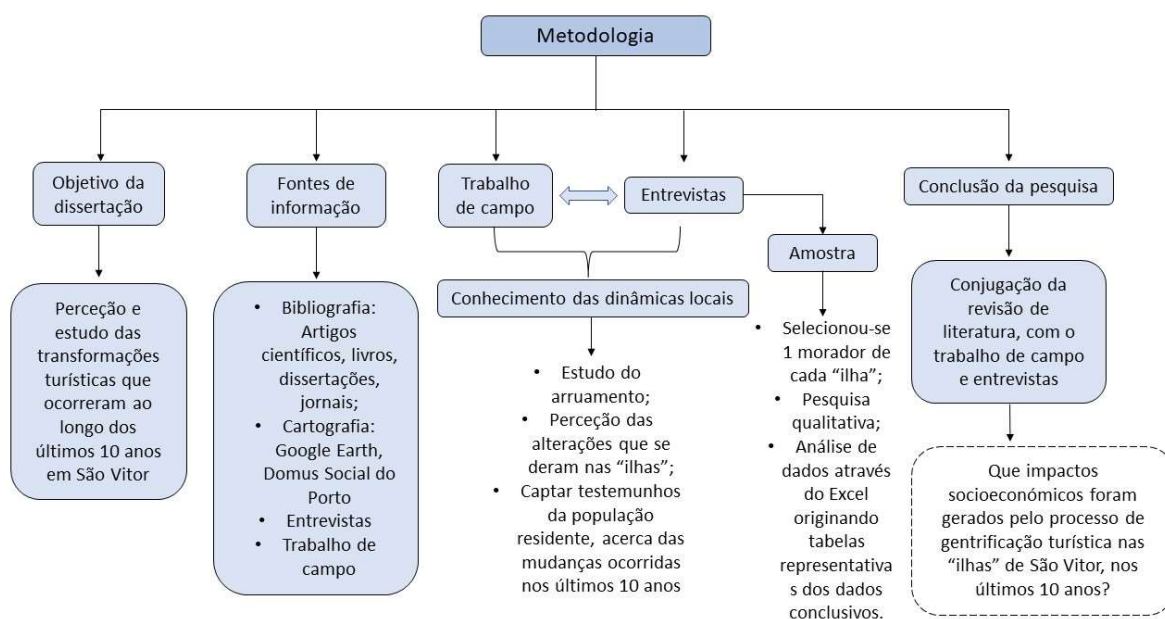
Esses interesses baseiam-se, essencialmente, na experiência, uma vez que os turistas jovens rejeitam produtos estandardizados ou homogeneizados, procurando novas ideias, soluções e emoções, que noutras palavras significam novas experiências, que assentam na possibilidade de escapar do quotidiano, experimentar estilos de vida diferentes, visitar novos locais e adquirir conhecimento. Para além disto, viajam com o propósito de viver como um local e acreditam em fazer a diferença no mundo. No entanto, a forma como cada turista enquadra a sua experiência, depende não só das suas características individuais, mas também da estrutura social em que se insere e da rede de interações que estabelece com outros turistas. E, por isso, pode-se afirmar que os *Millennials* não são, de todo, um grupo turístico homogéneo, uma vez que dentro do mesmo grupo podem existir diferentes interesses e fatores que são mais valorizados, como é exemplificado no artigo de Cavagnaro, Staffieri & Postma (2018).

Para que o setor turístico se prepare para o futuro, é necessário entender e atender às mudanças que ocorrem no setor e também às mudanças de necessidades desta geração jovem, pois nos anos de 2020 e 2030 os turistas jovens de hoje, terão necessidades e quereres diferentes, comparativamente ao turista contemporâneo de meia-idade. É importante acompanhar estas mudanças, para que o turismo se torne ainda mais global e inclusivo e, tanto quanto possível, antecipar os desejos dos turistas do futuro.

Capítulo 3 - Metodologia

O presente trabalho tem como objetivo principal o estudo da gentrificação turística na cidade do Porto, com especial incidência nas “ilhas” de São Vitor, que ao longo dos últimos dez anos, têm experienciado múltiplas mudanças socioeconómicas e socioculturais.

Figura 5 - Esquema metodológico seguido no desenvolvimento da investigação



Fonte: Elaboração própria

Para alcançar este objetivo, foi realizada uma revisão de literatura, baseada em artigos científicos, livros, dissertações de mestrado, entre outros textos, que permitiu compreender conceitos relevantes ao trabalho, tais como gentrificação e gentrificação turística, turistificação, turismo contemporâneo, turismo na cidade do Porto e “ilhas” portuenses. De forma a perceber que mudanças socioeconómicas e socioculturais ocorreram nos últimos dez anos, foram realizadas entrevistas aos moradores das “ilhas” que ainda estão habitadas. No entanto, uma vez que o universo (número total de moradores) é muito vasto, seria impossível realizar entrevistas a todos os indivíduos, pelo

que foi aplicada uma amostra, que consistiu na seleção de um representante de cada “ilha” da Rua de São Vítor. O critério para a seleção prendeu-se com a ligação do morador ao local, idealmente morando na rua há, pelo menos, dez anos. Assim, realizaram-se entrevistas de resposta aberta a 13 moradores, sendo que, todavia, nem todos respondem ao critério dos 10 anos de residência na rua. É de salientar que o número de entrevistas não é relevante do ponto de vista estatístico, sendo que as entrevistas têm apenas um intuito ilustrativo acerca do tema em questão. O tratamento dos dados recolhidos nas entrevistas foi realizado através do *Excel*, mais concretamente através da elaboração de uma tabela com todos os temas abordados e com as respostas de cada um dos moradores entrevistados, assim como dos dados finais.

Figura 6 - Estrutura da entrevista realizada aos moradores

Dentro da “ilha”:

1. A saída e entrada de novos residentes e porquê;
 - a. Para onde foram os que saíram? Porque saíram?
 - b. Quem são os novos residentes?
2. A alteração dos preços de aluguer ou compra e venda de casa;
3. Abordagem para compra de casa (por parte de imobiliárias).

Na rua:

1. A saída e entrada de novos residentes e porquê;
 - a. Para onde foram os que saíram, em geral nas ilhas de S. Vítor? Porque saíram?
 - b. Quem são os novos residentes?
2. Quais as principais transformações nos últimos anos (cerca de 10)? Ex.: o aumento de preços (comércio, restauração e ramo imobiliário), o desaparecimento do comércio tradicional, perda patrimonial e cultural;
3. Alteração de hábitos;
 - a. Tem mudado o lugar de encontro das pessoas? Do café/taberna para outro local? Qual?
 - b. Tem mudado o lugar de compras? Das lojas próximas para o supermercado/hipermercado, para o shopping?
 - c. O que tem mudado mais, nos últimos anos? (Cerca de 10)

Fonte: Elaboração própria

De forma a acompanhar o conteúdo das entrevistas, assim como fazer um enquadramento da área de estudo tendo em conta diversas variáveis, foi produzida cartografia, através do programa *Google Earth* e com origem na base de dados disponível no *website* da Domus Social do Porto.

Por fim, foi realizada em vários dias e a diferentes horas a observação *in loco*, tendo em consideração a visualização do “ambiente” e movimentos, em especial a deteção da passagem de turistas no local e as suas idades, o que foi dificultado devido ao reduzido fluxo de turistas, causado pela pandemia que se atravessa mundialmente.

Capítulo 4 - O Turismo na Cidade do Porto

4.1. O turismo do século XIX ao século XXI

O turismo tem conquistado o espaço urbano de diversas cidades, sejam elas de maior ou menor dimensão. O mesmo se aplica à cidade do Porto num longo processo temporal com momentos de acalmia e outros de grande aceleração.

Maria-Laetitia Sthudolmina Bonaparte-Wyse, mais conhecida como Maria Rattazzi e Charlotte Elliott Jackson, vulgarmente conhecida como Lady Jackson, foram duas entre outros turistas que, na década de 70 do século XIX, viajaram pela cidade do Porto, refletindo as suas experiências ao longo da sua estadia em relatos de viagem (Pinto, Alves, Barbosa, & Lopes, 2018). Esses relatos retratam a realidade turística do Porto do século XIX, permitindo perceber o conjunto de alterações criadas pela sociedade industrial de Oitocentos que contribuíram para o desenvolvimento do turismo nesse mesmo século. Os relatos aludem a uma realidade em transformação como com a revolução dos transportes, que passou a permitir viagens mais longínquas em menor tempo e com segurança e conforto acrescidos, o crescimento de uma classe média mais próspera, o aparecimento e proliferação das primeiras agências de viagens e consequente multiplicação dos guias turísticos, novos alojamentos e estabelecimentos hoteleiros, bem como melhoramentos para apoio ao lazer. Estas alterações permitiram a popularização da viagem e do lazer como elemento fundamental do ideal de vida Oitocentista (Pinto, Alves, Barbosa, & Lopes, 2018).

Para além da importância acrescida do turismo, e da banalização da viagem para efeitos de lazer, a partir de 1750 surge também o turismo balnear, “(...) quando o médico britânico Richard Russell publicou um texto validando os benefícios dos “ares” do litoral e dos banhos no mar (...)” (Pinto, Alves, Barbosa, & Lopes, 2018, p. 94), pelas suas

propriedades essencialmente terapêuticas. Desta forma, os destinos litorais tornaram-se populares, tanto que Rattazzi e Jackson, quando chegaram ao Porto, procuraram o núcleo piscatório de São João da Foz, embora este local fosse já um destino popular desde o princípio do século XIX, devido à extensa comunidade britânica residente no Porto que importou a moda dos banhos de mar, do seu país de origem.

Na segunda metade do século XIX, já o Porto recebia visitantes tanto nacionais como internacionais, sendo que alguns poderiam mesmo ser considerados (proto)turistas. Este fluxo de pessoas advinha da posição de porto fluvial e marítimo da cidade e da relação mercantil com o estrangeiro, sendo que neste ponto, o vinho do Porto tinha uma posição de relevo, uma vez que “(...) mantinha uma alargada comunidade britânica na cidade em negócios e que propagava o nome do Porto por muitos mercados, em particular os ingleses (...)” (Pinto & Azevedo, 2010, p. 158).

Ao longo do século XX, o turismo na cidade do Porto manteve-se a níveis muito inferiores aos do triângulo do turismo português, que se afirmou entre Lisboa, Algarve e Madeira (tabela 3). Ao longo do tempo, o número de chegadas ao aeroporto do Porto foi muito inferior relativamente aos restantes aeroportos, sendo que apenas em 1989 foram alcançadas 1 milhão de chegadas que, ainda assim, era um número algo discreto em comparação com o observado nos aeroportos de Lisboa e Faro.

Tabela 3 - Tráfego de passageiros nos principais aeroportos: Lisboa, Porto e Faro de 1970 a 1989

Anos	Passageiros				
	Total	Aeroporto de Lisboa	Aeroporto do Porto	Aeroporto de Faro	Outros aeroportos
1970	3.357.563	2.239.288	237.346	336.896	544.033
1971	3.833.637	2.469.464	281.578	477.767	604.828
1972	4.499.250	2.833.848	323.936	571.347	770.119
1973	5.008.421	3.222.750	383.999	550.806	850.866
1974	4.630.037	2.973.058	386.494	417.390	853.095
1975	4.389.158	2.792.434	384.391	318.417	893.916
1976	4.652.056	2.652.883	450.312	444.292	1.104.569
1977	5.565.317	2.992.543	469.109	687.907	1.415.758
1978	5.895.747	3.168.595	525.025	811.846	1.390.281
1979	6.392.105	3.435.685	522.117	931.649	1.502.654
1980	6.174.438	3.273.424	443.979	990.115	1.400.920
1981	6.367.372	3.376.369	460.182	1.074.020	1.456.801
1982	6.508.060	2.395.092	514.737	1.104.028	2.494.803
1983	6.589.398	x	x	x	x
1984	6.735.806	x	x	x	x
1985	7.541.969	3.501.270	612.613	1.758.896	1.669.190
1986	8.281.343	2.613.482	689.604	2.218.682	2.759.575
1987	9.122.720	3.881.362	822.865	2.564.934	1.853.559
1988	9.887.450	4.283.545	976.818	2.558.580	2.058.507
1989	10.612.203	4.756.568	1.166.665	2.577.628	2.111.342

Fonte: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>

A vocação turística da cidade do Porto, que se afirma na transição do século, advém, também, do pelouro da Animação portuense, traduzindo uma tendência da cidade para o turismo, de 1989 a 2001, que coincide com o crescimento no número de chegadas ao aeroporto. Por isso, é possível afirmar que a importância da cidade do Porto enquanto destino turístico, foi reforçada no último século, contribuindo para a regeneração económica e social do tecido urbano. Durante estes anos, o turismo portuense foi sustentado pela cultura e pelos grandes eventos realizados, nomeadamente a Capital Europeia da Cultura (2001), a valorização do património local como Património Mundial da UNESCO (1996), que desencadeou uma readaptação dos recursos locais “(...) em jeito de marketing urbano” (Miranda, 2015). Este título permitiu que a cidade fosse considerada um local único e valioso, “(...) digno de ser preservado e reconhecido pelo mundo inteiro” (Miranda, 2015), passando a apresentar-se como um destino com argumentos para atrair muito turismo cultural.

As mudanças no tecido urbano da cidade, tiveram origem nos diversos planos municipais elaborados por vários técnicos e que, ao longo dos anos, efetuaram mudanças na cidade em termos arquitetónicos, monumentais e turísticos, uma vez que era importante que a cidade se preparasse para receber novos turistas (Falcão, 1999-2000). Para isso, ao longo da primeira década do século XXI, a AMP apostou na criação de *websites* com a finalidade de promover o turismo e a cultura da região e, apesar de a dado tempo os mesmos estarem desatualizados e com poucas opções de tradução para outras línguas, houve um esforço para a divulgação de informações online de âmbito histórico, patrimonial, cultural e turístico, uma vez que a internet começou a ser uma realidade na procura de informações e destinos (Miranda, 2015).

Por este motivo, para além do tradicional turismo balnear praticado em Portugal, surge um interesse acrescido em novas formas de turismo, que o Porto passa a promover no mercado global “(...) como o de cariz urbano, cultural, e de negócios” (Miranda, 2015).

4.2. O *boom* turístico e o impacto da pandemia

Coincidentemente com a crise internacional de 2009, Portugal sentiu um crescimento do turismo, especialmente as cidades do Porto e Lisboa, uma vez que foram as que registaram um maior aumento a nível da atividade turística praticada por estrangeiros. A partir desta altura, o Porto torna-se, então, um destino turístico popular (Miranda, 2015), e este setor passa a ter uma grande importância para a cidade, especialmente a nível económico (Oliveira T. A., 2019).

Nos últimos 10 anos, o Porto assistiu a um crescimento exponencial do turismo, já que, entre 2007 e 2016 o número de passageiros a chegar ao Aeroporto Francisco Sá Carneiro, cresceu 140%, aumentando também de forma extraordinária o número de

hóspedes na cidade, especialmente entre 2015 e 2017, quando ocorreu um crescimento de cerca de 72,2% (Pinto & Ferreira, 2019).

A elevada procura pelo centro histórico do Porto e pela Baixa foi impulsionada pelo património cultural e histórico, pelas infraestruturas e eventos (Metro do Porto, Euro 2004, Primavera Sound, entre outros), pela gastronomia, comércio e restauração, mas foi impulsionada especialmente pela mobilidade mais rápida e barata, com a instalação da Ryanair em 2009, que conecta, de forma rápida e barata, a cidade ao mundo, iniciando-se o *boom* turístico na cidade (Matos, 2017).

A conquista da distinção de melhor destino europeu, em 2012, 2014 e 2017, e o consequente aumento de turistas na cidade “(...) era o sinal evidente de sucesso económico de uma cidade global, aberta ao mundo e com grande vitalidade.” (Fernandes J. R., 2020). Mais recentemente, em 2020, a cidade foi distinguida como melhor destino europeu para escapadela urbana, ou *city break* (Porto, 2020).

Figura 7- Distinções da cidade do Porto como melhor destino europeu em 2012, 2014 e 2017



Fonte: Guia de Viagens – AEIOU, APDL, Porto.pt

Decerto que o turismo iria continuar a crescer na cidade não fosse a pandemia ter trazido uma enorme quebra nos números do turismo, devido às diversas restrições que foram sendo impostas ao longo do último ano e meio. Segundo dados do INE referentes ao ano de 2020, registaram-se “quebras de mais de 60% em hóspedes, dormidas e proveitos”, traduzindo-se em menos 12,5 milhões de turistas estrangeiros face a 2019 (Laranjeiro, 2021). A falta de turistas na cidade levou, segundo a entidade do Turismo do Porto e Norte de Portugal, ao fecho temporário de cerca de vinte hotéis no Porto, em Novembro de 2020, entre eles o Vila Galé Porto, o Dom Henrique e o Infante Sagres (Lusa, 2020).

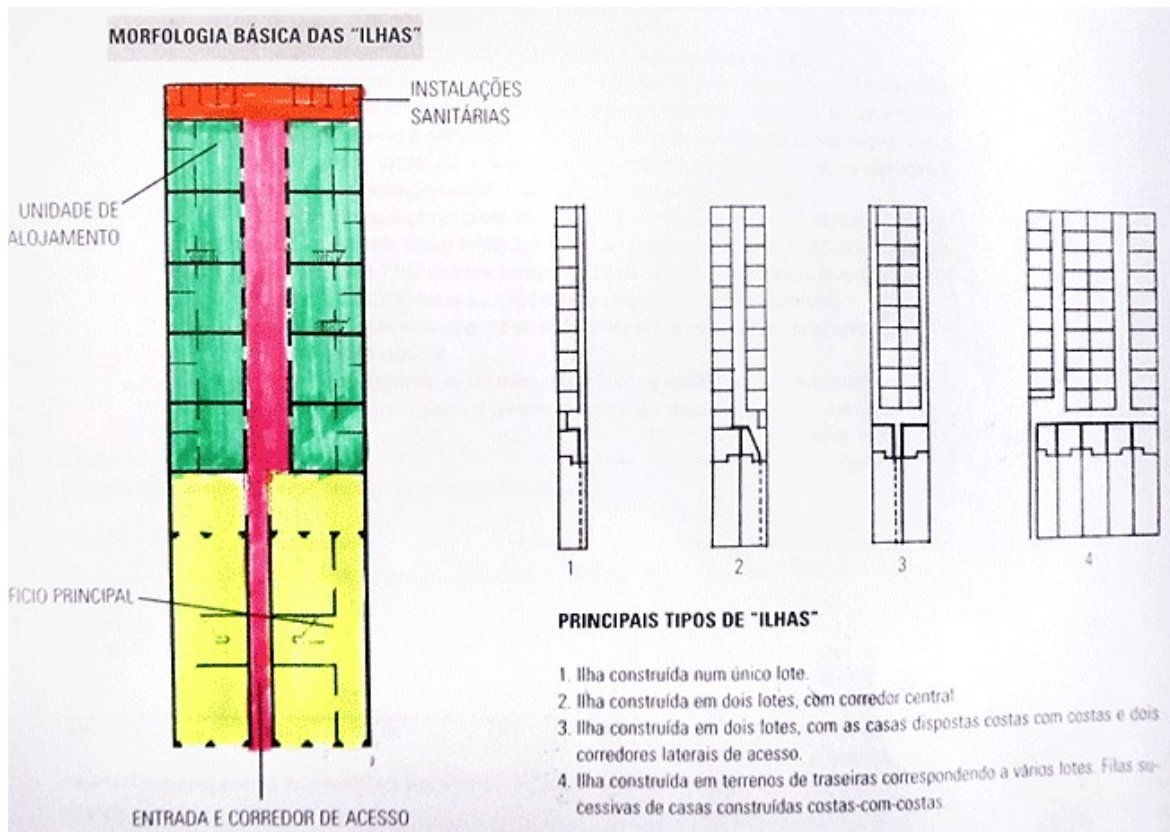
Entre as várias alterações provocadas pela pandemia, destaca-se a reconversão do alojamento local das “ilhas” do Porto, já que, perante a crise económica, os proprietários veem-se obrigados a apostar no arrendamento tradicional e de longo prazo, para assegurar algum rendimento. Um dos exemplos dados ao longo de uma notícia publicada pelo jornal digital “Observador” é precisamente acerca do caso de estudo desta investigação, a Rua de São Vítor. Deste modo, uma moradora da “Ilha do Doutor” conta que a “Ilha do Padeiro” (como era denominada antigamente e que atualmente é um alojamento local que se denomina “Ilha D’Ouro”), não conseguiu ultrapassar a crise, pelo que, o proprietário alugava cada casa por 500 euros (Lusa A. , 2021). Tal como este são dados outros exemplos de “ilhas” na cidade do Porto que têm tido dificuldades em manter as receitas e pagar, ainda assim, as suas despesas, como é o caso da “Ilha da Glória”, perto da Praça da República, em que o proprietário ainda tenta contrariar esta transformação, mas já prevê ter de se remeter ao arrendamento tradicional. Apesar de muitos concordarem que o turismo veio dar uma nova vida e reabilitar algumas “ilhas” já degradadas, ainda assim, esperam que, “no pós-pandemia não haja turismo desenfreado” (Lusa A. , 2021).

É, por isso, importante “reinventar o turismo”, combater o síndrome pós-covid e a suspensão da economia, apesar de que previsivelmente a recuperação será mais lenta em alguns destinos no que noutros, mediante as medidas implementadas por cada um e das características geográficas da pandemia. Nesse sentido, no caso de Portugal, neste momento, o contributo dos residentes e as suas viagens dentro do território são importantes, uma vez que têm capacidade para ajudar economicamente a hotelaria e a restauração, especialmente nos meses de Verão. Todavia, verifica-se que tem havido uma especial preferência por destinos de menor densidade populacional.

Capítulo 5 - As “ilhas” portuenses

As “ilhas” são compostas por filas de casas, usualmente pequenas e térreas, que eram construídas nas traseiras de lotes de habitações burguesas ou pequeno-burguesas da cidade do Porto, mas também, por vezes, contruídas em lotes desocupados. A ligação entre as casas e o espaço público era, geralmente, efetuada através de um túnel que se prolongava sob os edifícios amplos com fachadas voltadas para a rua e onde, por vezes, os proprietários do lote tinham residência (Pinto, 2015). Estas casas tinham áreas muito pequenas, tendo apenas uma porta e uma janela, o que permitia somente espaço para a sala, cozinha e um quarto, sendo que, por vezes, havia um pequeno e apertado sótão, onde geralmente dormiam os mais novos. Uma vez que a frente das casas tinha apenas quatro metros, era possível construir dezenas de casas que albergavam o excedente populacional, e atribuir lucro aos seus promotores (Pinto & Ferreira, 2019). Em meados do século XIX, o processo de construção destas pequenas habitações era muito facilitado, uma vez que os pedidos de licença para obras privadas feitos à Câmara Municipal do Porto apenas exigiam um desenho das fachadas dos edifícios voltados para a rua e, por isso, sobravam extensos metros do interior do lote sem regulamentação implementada ou qualquer esboço que permitisse identificar este tipo de habitação.

Figura 8 - Morfologia e principais tipos de "ilhas" portuenses



Fonte: <https://porto.taf.net/dp/htmlnode/8877&print.html>

O desenvolvimento desta tipologia de habitação era fácil e barato, visto que os materiais utilizados para a sua construção eram de baixa qualidade “e não obrigavam a ventilação, água corrente, eletricidade ou esgotos” (Pinto, 2015). Os sanitários, quando existiam, eram de utilização comum e ficavam no fundo do quintal, ou então a meio do corredor das casas, e, por isso, os habitantes da “ilha” tinham de gerir a sua limpeza numa escala partilhada (figura 8). Por estas razões, as “ilhas” eram um espaço marginalizado e até temido, inclusive pela polícia, pela administração e pelas elites comerciais e industriais da cidade, considerado, ao longo do século XX, um lugar de risco sanitário que era urgente erradicar.

No entanto, as “ilhas” também permitiram a conceção de uma identidade comum, um “espaço de resistência e socialização dos mais pobres, elo de familiaridade e

acolhimento para com conhecidos e amigos” (Pinto, 2015). Tanto assim que, algumas “ilhas” eram consideradas uma única família, onde se estabeleciam relações próximas, todos se conheciam e partilhavam uma vida, na prática, comum.

5.1. A origem das “ilhas”

A origem deste tipo de residência é longínqua no tempo e até no espaço. No ano de 1789, na “Descrição Topographica e Histórica da Cidade do Porto” do padre Agostinho Rebelo da Costa, é feita referência às “ilhas”, o que indica que já estavam presentes na cidade e que eram um tipo de habitação comum, ao ponto de serem referidas para descrever o Porto. É possível, ainda, que a terminologia tenha origem anterior, uma vez que no “Vocabulário Português e Latino” de 1713, as “ilhas” eram definidas como uma ou muitas casas juntas, ou seja, uma versão híbrida entre a definição contemporânea e a de quarteirão. Em 1973, José Manuel Pereira de Oliveira afirma que é possível até que a existência das “ilhas” possa ter-se iniciado em tempos mais remotos que o século XVIII. Nos anos 30 do século XIX, aquando do Cerco do Porto, foi realizado pelo exército liberal um recenseamento em que se constatou que “o número de ilhas era muito significativo, tendo sido identificadas cerca de duzentas um pouco por toda a cidade, mas sobretudo nas áreas de expansão urbana, construídas nos primeiros 30 anos de XIX (...)” (Pinto, 2015).

É possível que a origem e multiplicação das “ilhas” na cidade tenha sido influenciada pela larga comunidade inglesa presente na cidade, que estava sobretudo ligada ao comércio do vinho do Porto, uma vez que em Inglaterra também surgiram soluções semelhantes às “ilhas”, neste caso denominadas *back-to-back houses*.

As “ilhas” eram menosprezadas pelas classes mais abastadas, por serem um epicentro de doenças infecciosas, de insalubridade e também por contribuírem para os altos valores da mortalidade na cidade, além de constituírem focos de instabilidade social. Por isso, na primeira década do século XX, passou a ser proibida a construção de “ilhas”, ainda que o processo tenha continuado, de forma ilegal.

Foi, através da construção de treze bairros modernistas, do Plano de Melhoramentos de 1956-66 e da demolição de muitas “ilhas”, que se deram as maiores transformações neste meio, e que cerca de 1/5 do total de moradores teve de se deslocar para a periferia (Pinto, 2015). Ao longo do século XX foram demolidas várias “ilhas” por ação municipal, algumas das quais localizadas em São Vítor, no entanto, as “ilhas” “continuam aí, alojando um número significativo de pessoas, em condições muito díspares (...)” (Pinto, 2015).

5.2. As “ilhas” da Rua de São Vítor

A Rua de São Vítor foi aberta no princípio do século XIX, e ficava nas margens da cidade construída. Devido às suas vistas para o horizonte e para o rio, a rua apresentava das rendas mais caras na área de expansão da cidade (Pinto & Ferreira, 2019). No entanto, a abertura da rua prolongou-se no tempo, devido à instabilidade vivida na cidade provocada pelas invasões francesas, pelo cerco do Porto e também por episódios de cólera, o que originou uma alteração do contexto urbano, uma vez que a área envolvente acolheu um enorme tecido industrial. Estes fatores foram condicionantes para a compra e venda de lotes na Rua de São Vítor, assim como para a passagem de propriedade de classes abastadas para classes com menos posses. À medida que a pressão demográfica aumentava na cidade, as “ilhas” foram-se multiplicando num número significativo de

lotes, fazendo com que a Rua de São Vítor tivesse o maior número de “ilhas” da cidade (Pinto & Ferreira, 2019). No final do século XIX, a grande maioria dos residentes no arruamento, cerca de 90%, eram operários urbanos e trabalhadores manuais, geralmente analfabetos que viviam em situações de insalubridade, contribuindo para os elevados valores da mortalidade infantil na cidade. Compreensivelmente, ao longo do século XX, tornou-se o refúgio da população com dificuldades económicas, desempregada ou com trabalhos desqualificados, que criava ligações entre si, reforçando o conceito de comunidade, onde todos se conheciam. Mas se, para os moradores as “ilhas” eram espaços de família e comunidade, para os de fora estas representavam também um espaço de conflito e de tensão, uma vez que se olhava para as “ilhas” “como um antro de miséria ou um ninho de doenças infecto-contagiosas” (Pinto & Ferreira, 2019), gerando, deste modo, uma visão desacertada das “ilhas”.

Atualmente, em São Vítor, sobram 21 longos corredores “dominados por uma classe média-baixa, muito envelhecida, com trabalhos desqualificados e em situações sociais, por vezes, muito difíceis” (Pinto & Ferreira, 2019). Algumas “ilhas”, contudo, têm sofrido alterações ao longo dos anos, devido à elevada procura turística, atraída pela proximidade do centro e pela “suposta autenticidade do lugar e em que o cenário e os residentes funcionam como um museu dinâmico onde aparentemente se poderá experienciar o modo de vida portuense.” (Pinto & Ferreira, 2019). No entanto, são visíveis os impactos do ponto de vista residencial e funcional na envolvente das “ilhas”, e é colocada em causa a sustentabilidade social do lugar.

Vejamos três exemplos de “ilhas” que sofreram alterações relacionadas, direta ou indiretamente, com o turismo, na Rua de São Vítor. A primeira “ilha” a ser reabilitada foi a que se situa no número 113, uma estrutura arruinada que foi reabilitada por Dalila Vaz. Atualmente, é conhecida como a “Ilha da Dalila” e o principal objetivo deste projeto era

criar residências temporárias para artistas. No entanto, acabou por se transformar num espaço de habitação alugado para jovens casais, também com um perfil associado ao veganismo e com um estilo de vida contemporâneo. A própria artista Dalila, proprietária da “ilha”, reside na mesma, assim como uma idosa que não quis abandonar a sua habitação.

Figura 9 - Reabilitação da "ilha" da Dalila



Fonte: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/centros-nevralgicos/recuperacao-de-ilha-para-residencias-de-artistas>

O segundo exemplo situa-se no número 99 num espaço antes praticamente abandonado, agora alojamento turístico, depois de um investimento. Denomina-se “99 colored socks”. No entanto, é de notar que o proprietário do alojamento quis manter uma boa relação com a comunidade local, optando por contratar trabalhadores locais, assim como serviços e comércio locais, envolvendo, desta forma, toda a Rua de São Vítor no seu projeto. A moradora, que ainda lá residia, foi realojada numa outra “ilha” da rua, e arranjou emprego como governanta no empreendimento que surgiu na sua antiga habitação.

Figura 10 - Reabilitação do lote número 99, agora denominado "99 coloured socks"

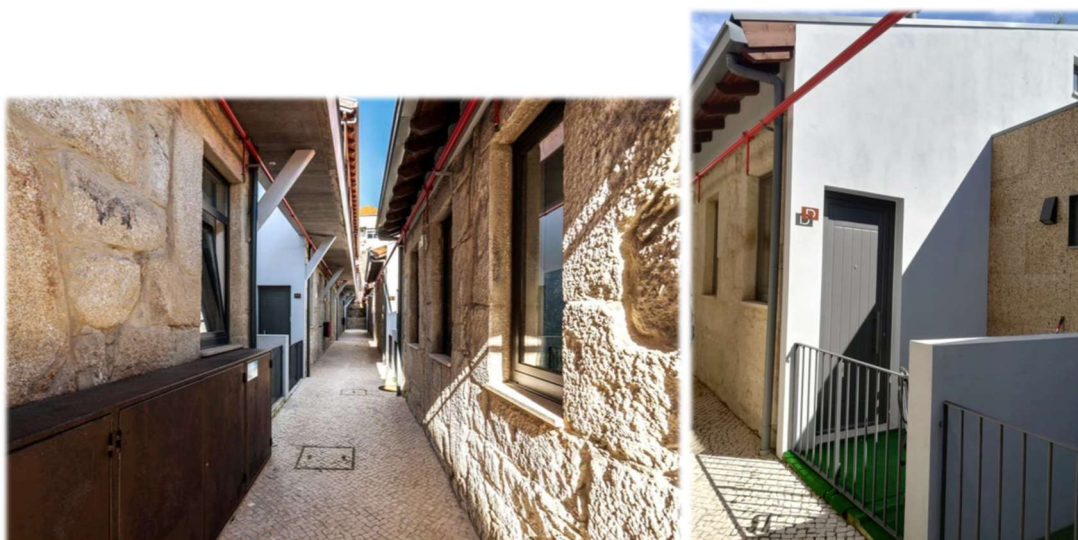


Fonte: Facebook do AL "99 coloured socks"

Por fim, o terceiro exemplo localiza-se no número 104, e ali também emergiu um novo alojamento turístico, na “ilha” outrora denominada “Ilha do Padeiro” e atualmente “Ilha d’Ouro”. A única família que ainda residia na “ilha”, foi transferida para uma outra habitação, permitindo o arranque do novo projeto (Pinto & Ferreira, 2019).

Globalmente, verifica-se que o património histórico foi valorizado pelo turismo e pelos investidores e, por isso, há uma tendência de reabilitação de “ilhas” anteriormente habitadas através da abertura de hotéis e alojamentos locais (Cocola-Gant, 2018).

Figura 11 - Reabilitação da "ilha" do Padeiro, atualmente denominada "Ilha" D'Ouro



Fonte: Fotografia do autor

É de salientar que, juntamente com estas mudanças residenciais, se começaram a observar alterações funcionais, uma vez que, num dos lotes da rua (no número 143), outrora uma “ilha” e seguidamente uma garagem, surgiu um gabinete de arquitetura, ancorado em lógicas de sustentabilidade ambiental e reciclagem. Um antigo talho (Flor de São Vítor) também não conseguiu ultrapassar estas alterações e fechou no início de 2018, mantendo-se fechado e sem ocupação, assim como um café que servia como espaço de encontro e sociabilidade dos antigos residentes. Entretanto, na rua e na área circundante, abriram novos estabelecimentos: um restaurante coreano, uma lavandaria, um café com preços acima da média e uma barbearia de aparência “neotradicional”. Por fim, um velho restaurante abandonado reabriu com nova gerência e com preços muito elevados (Pinto & Ferreira, 2019).

Esta é uma rua que, diariamente, é frequentada por agentes imobiliários, possíveis compradores e investidores, que distribuem assiduamente cartões que sugerem a venda das casas ainda habitadas, para novas oportunidades de negócio.

Capítulo 6 – Resultados

6.1. Caracterização residencial e funcional da área de estudo

Figura 12 - Identificação das “ilhas”, em São Vitor



Fonte: Elaboração própria

Atualmente, na Rua de São Vitor, existem ainda 21 “ilhas”, sendo que 18 estão habitadas e 3 encontram-se modificadas para fins turísticos, ou seja, funcionam como alojamento local. No entanto, no que diz respeito às “ilhas” que ainda estão habitadas, é importante referenciar que 3 delas estão parcialmente modificadas (figura 15). Neste caso falamos: 1) no número 182, em que 3 casas foram reabilitadas e, neste momento, são arrendadas a estudantes por preços elevados, 2) no número 116, em que um conjunto de casas foi reabilitado e, segundo os moradores, o proprietário é de nacionalidade francesa mas, até à data de conclusão deste projeto de mestrado, os mesmos não sabiam precisar se a habitação seria para uso próprio ou para fins turísticos, 3) e, por fim, o número 48, sendo que neste o proprietário é de nacionalidade italiana e encontra-se a remodelar

algumas das casas pertencentes à “ilha”, porém, ainda sem informações sobre a quem se destinam.

Figura 13 - Casa pertencente à "ilha" nº 116 em obras e casas modificadas da "ilha" nº 182



Fonte: Fotografias do autor

Já no que diz respeito aos lotes totalmente modificados, mais precisamente ao lote do número 99 denominado “99 colored socks”, segundo relatos dos moradores encontra-se encerrado e para venda, na sequência da pandemia de Covid-19. No local, já foi retirada a placa afixada à entrada que o identificava como alojamento local e, apesar de ainda estar disponível em *sites* como o *Airbnb*, não é possível fazer qualquer reserva, independentemente da data selecionada. A título de exemplo, no *Booking*, aparece a seguinte mensagem: “Pedimos desculpa, mas de momento não é possível fazer reservas neste hotel”.

Figura 14 - Aviso de impossibilidade de efetuar reservas para o AL “99 colored socks”



Fonte: Booking.com

Para além deste caso, existe também o exemplo do lote número 104, denominado “Ilha” d’Ouro”, abordado anteriormente no trabalho, que se encontra a alugar as habitações que, antigamente, alojavam temporariamente os turistas que visitavam a cidade, de forma a combater a atual crise pandémica (Lusa A. , 2021). Desta forma, é possível afirmar que a atividade turística em São Vítor, regrediu vigorosamente face aos obstáculos implementados pela Covid-19, apesar de, anteriormente, ser um arruamento muito frequentado por imobiliárias, que procuravam novos investimentos, designadamente com vista a aumentar o número de alojamentos turísticos no local.

Figura 15 - Tipologia dos alojamentos das “ilhas” em São Vítor



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito aos serviços e comércio presentes no arruamento, é possível afirmar, com base em literatura e em entrevistas dos moradores, que o cenário já não é o mesmo que antigamente. Se, há cerca de 10 anos, os moradores de São Vítor tinham uma variada escolha no que diz respeito a comércio de proximidade e/ou tradicional, com mercearias e talhos, atualmente apenas contam com 2 mercearias e, por exemplo, nenhum talho (por oposição aos 3 que ali existiam em 2010). Mesmo as pequenas mercearias são apenas frequentadas em último recurso, uma vez que os moradores afirmam que as grandes superfícies, apesar de estarem localizadas mais longe, são mais económicas.

Figura 16 - Exemplos de diversos estabelecimentos de comércio e serviços que estão encerrados na Rua de São Vítor



Fonte: Fotografias do autor

Um dos cafés localizados na rua, a Sede do Sporting Clube de São Vítor, é onde alguns moradores e ex-moradores se encontram casualmente para conviver, no entanto, de acordo com os relatos dos moradores entrevistados, ao longo da semana apenas três ou quatro pessoas frequentam o local, sendo que um dos moradores que lá trabalha

afirmou já saber quanto dinheiro iriam faturar naquela noite, uma vez que é um cenário que se repete diariamente. Para além disto, no que diz respeito à restauração, encontra-se situado no arruamento um restaurante coreano que, na perspetiva dos moradores, apenas recebe visitas de pessoas que não residem no local, seja por desinteresse na oferta gastronómica internacional, seja pelo preço elevado que é praticado. Um dos estabelecimentos abertos recentemente é uma lavandaria que, pelo que foi observado durante as várias visitas ao local, aparenta ter uma atividade mais ligada ao alojamento local e aos turistas, uma vez que não é um sítio muito frequentado pelos moradores.

Figura 17 - Caracterização funcional de São Vitor



Fonte: Elaboração própria

Como pode ser observado no mapa acima representado, o número de estabelecimentos de comércio e serviços disponíveis aos moradores é muito reduzido. Na sua opinião, muitos destes estabelecimentos fecharam pelo aparecimento das grandes superfícies e, também, por conta da pandemia. Tendo em conta esta análise dos moradores podemos deduzir que, na Rua de São Vitor, terá ocorrido especialmente gentrificação a nível residencial e não tanto a nível funcional, uma vez que o comércio tradicional não

resistiu devido a fatores exteriores ao aumento do turismo. Ainda assim, constatou-se a abertura de estabelecimentos que, de certo modo, estão relacionados com o turismo, como é o exemplo do restaurante coreano e da lavanderia.

Figura 18 - Comércio tradicional localizado na Rua de São Vítor



Fonte: Fotografias do autor

Figura 19 - Estabelecimentos direcionados para o turismo presentes na Rua de São Vítor



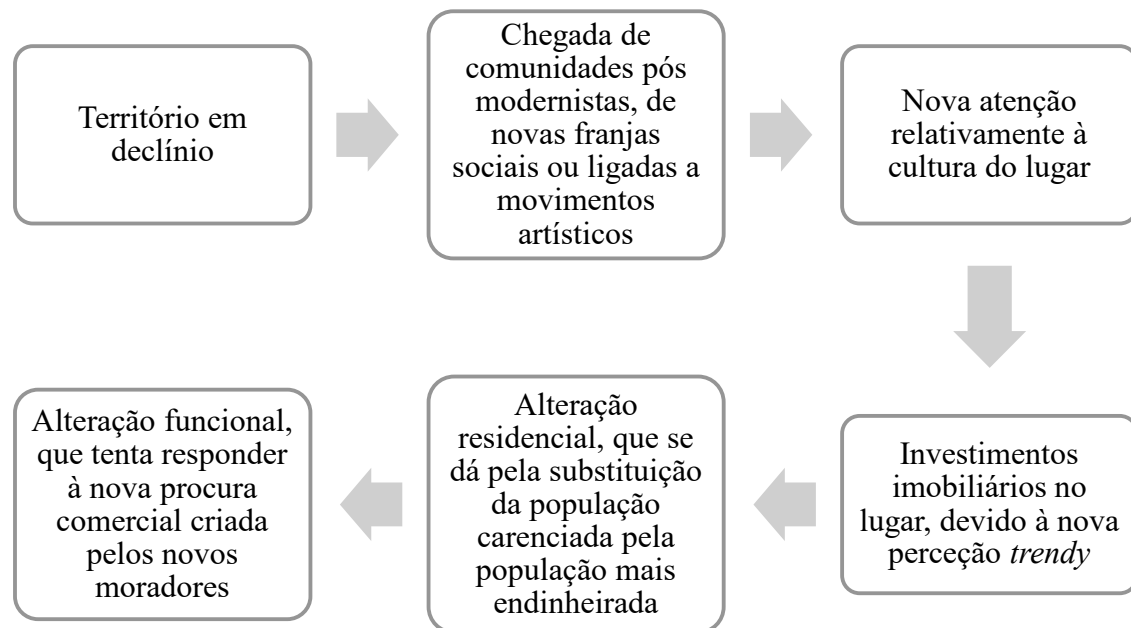
Fonte: Fotografias do autor

Para além destas mudanças a nível residencial e a nível funcional, os moradores entrevistados mencionaram que uma das grandes alterações ocorridas, relacionadas com a alteração de hábitos sociais, prendia-se com o pouco movimento de pessoas que se observa na rua. Os moradores relatam que, em tempos mais antigos, os residentes reuniam-se fora das suas casas, as crianças brincavam na rua e havia sempre um barulho de fundo que revelava o convívio e a proximidade na vizinhança e, por isso, raras eram as vezes em que a rua estava “parada” ou sem ninguém. Este tópico parece fazer aflorar um enorme descontentamento nos moradores que sentem que terá deixado de haver um sentimento de comunidade no local e, muitas vezes, as únicas palavras trocadas entre os residentes são um mero “bom dia”, “boa tarde” ou “boa noite”. A saída de muitos moradores e a renovação de gerações diminuí os laços da comunidade. Por isso, em mais do que uma entrevista, os moradores afirmaram que “cada um sabe da sua vida”, comparando a vida contemporânea de São Vítor à que se vive nos apartamentos da periferia, onde normalmente os vizinhos não se conhecem. É de notar ainda que, como

mencionado em capítulos anteriores, este sentido de comunidade vivido nas “ilhas” já existe desde os primórdios desta tipologia de habitação e, por isso, as mudanças observadas ao longo dos últimos anos, são acompanhadas dum sentimento de tristeza ou desolação, especialmente para quem nasceu, cresceu e ainda vive, atualmente, nas “ilhas”. Foi um processo rápido de transformação social.

Deste modo, podemos inferir que o processo de alteração das “ilhas” da Rua de São Vítor ao longo dos últimos anos, passou pelas etapas que, por regra, concebem o conceito de gentrificação (Pinto & Ferreira, 2019):

Figura 20 - Etapas que concebem o conceito de gentrificação



Fonte: Elaboração própria, com base em Pinto & Ferreira (2019)

6.2. Análise de entrevistas

De forma a complementar a cartografia realizada com os dados de levantamento de terrenos, assim como a bibliografia analisada ao longo da dissertação, foram realizadas entrevistas a 13 moradores de “ilhas” da Rua de São Vítor. O objetivo foi o de recolher,

através dos seus relatos, informações sobre as mudanças numa perspetiva residencial, funcional e social, que ocorreram ao longo dos últimos dez anos. Para além dessas informações, foi também possível retirar dessas entrevistas, testemunhos importantes e com bastante pertinência para este projeto.

6.2.1. Abordagem numa perspetiva de dentro da “ilha”

As primeiras questões das entrevistas, englobam uma perspetiva de dentro da “ilha” habitada, sendo que, num primeiro passo, a intenção é saber: 1) como decorreu a saída e a entrada de novos residentes, caso tenha sido esse o caso, 2) perceber para onde foram os que saíram assim como as razões para tal, e 3) quem são os novos residentes.

Tabela 4 – Respostas esquematizadas dos moradores das “ilhas” relativamente às questões sobre a saída e entrada de novos residentes

A saída e entrada de novos residentes			
	Para onde foram os residentes que saíram?	Porque saíram?	Quem são os novos residentes?
Nº 23	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Nº 48	Não sabe	Procura de espaços mais amplos	Não se aplica
Nº 49	Bairros sociais	Procura de rendas mais acessíveis; melhores condições de vida	Pessoas de nacionalidade brasileira
Nº 68	Não sabe	Procura de rendas mais acessíveis	Pessoas mais jovens; estudantes
Nº 76	“Para outras casas”	Procura de espaços mais amplos	Pessoas mais jovens
Nº 83	Não sabe	Não sabe	Pessoas mais jovens
Nº 90	“Para outras casas”	Casas mais amplas; melhores condições	Pessoas mais jovens
Nº 101	Não sabe	Procura de espaços mais amplos	Pessoas mais jovens
Nº 109	Não sabe	Procura de rendas mais acessíveis	Pessoas com menos posses; pessoas mais jovens

Nº 116	Bairros sociais	Procura de melhores condições	Não se aplica
Nº 164	“Para outros locais”	Procura de espaços mais amplos	Pessoas mais jovens
Nº 166	Não se aplica	Não se aplica	Pessoas mais jovens; familiares de pessoas que viviam na “ilha”
Nº 184	Não sabe	Por vontade própria	Não se aplica

Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito à saída de antigos residentes, a maioria dos moradores afirmou não saber para onde foram os residentes que saíram das “ilhas” em questão ao longo dos anos. As respostas mais frequentes foram bairros sociais e outras casas, sendo que neste caso, não foi especificado um local da cidade ou qualquer outro detalhe. Para além destas respostas, existem dois casos de “ilhas” onde esta situação não se aplica, visto que, como afirmado pelos moradores entrevistados, os antigos residentes faleceram e/ou não ocorreu saída de residentes. Uma das moradoras entrevistadas explica, ainda, que no caso da “ilha” onde reside, os moradores que saem não são os mais antigos, mas sim os mais jovens e, um ex-morador, apaixonado pelas histórias da Rua de São Vítor, acrescenta “eu não estou a ver pessoas antigas a sair (...) os novos residentes não estão enraizados aqui, como quem nasceu aqui, como eu e outros antigos residentes”. O mesmo afirma ainda que, “não me importava nada de voltar para aqui, para a ilha” junto da sua família que ainda lá vive, uma vez que a tipologia das casas é suficiente para o seu estilo de vida atual.

Já relativamente às razões que levaram os residentes a sair, a maioria dos entrevistados acredita que estes procuram, especialmente, espaços mais amplos, visto que decidem constituir família e as casas pertencentes às “ilhas” têm, geralmente, áreas pequenas, normalmente com apenas um quarto. A procura por rendas mais baixas é também uma das razões explicitadas pelos moradores, uma vez que, atualmente, o preço

de aluguer de uma destas pequenas casas ronda os 300€/400€, preços que, em regra, se aplicam aos novos residentes. A procura de melhores condições também se destaca, uma vez que, em alguns casos relatados, os moradores são forçados a sair devido às más condições das casas que habitam, como por exemplo a humidade e até, a entrada de chuva, devido à fraca qualidade dos materiais de construção.

Face aos novos residentes, a maioria dos entrevistados mencionou que se tratam de pessoas jovens, na faixa etária dos 20 aos 40 anos. Com 82 anos e residente no número 166 da Rua de São Vítor há 60 anos, juntamente com a sua esposa, o morador entrevistado menciona que os novos moradores naquela “ilha” são familiares de antigos moradores, por escolha do senhorio que não as aluga a mais ninguém. Como foi afirmado por ambos durante a entrevista, “o senhorio não aluga nenhuma casa se a gente não lhe disser” e, por isso, normalmente as pessoas vão falar com este morador e posteriormente este fala com o senhorio, havendo, de certo modo, uma lógica de aprovação. No caso dos novos moradores que são estrangeiros, a moradora entrevistada que reside no número 49 desde que nasceu, há 71 anos, conta que algumas casas, que já estavam vazias há algum tempo, começaram recentemente a ser arrendadas a cidadãos de nacionalidade brasileira e que residem lá desde então. Também os estudantes e pessoas com menos posses são apontadas como sendo os novos residentes por dois dos moradores entrevistados, como é possível observar na tabela 3. De facto, no número 182 podem ser observadas algumas casas que foram embelezadas, com a finalidade de as arrendar a estudantes que estudam no Porto, e cujas rendas são muito elevadas, rondando os 350€.

Ainda na perspetiva de dentro da “ilha”, uma das questões colocadas prendeu-se com a alteração dos preços de aluguer e de compra e venda de casas e, por fim, se ao longo dos anos, houve abordagens por parte de imobiliárias para a compra das suas casas,

uma vez que, como muitos moradores afirmaram, a presença de consultores imobiliários tem sido constante no arruamento.

Tabela 5 - Respostas dos moradores das “ilhas” relativamente à alteração de preços e abordagem para compra de casa

	Alteração dos preços de aluguer/compra e venda de casas	Abordagem para compra de casa por parte de imobiliárias
Nº 23	Não houve alteração	Sim, já houve uma abordagem
Nº 48	Houve um aumento gradual	Não
Nº 49	Aumento somente para os moradores mais recentes	Não
Nº 68	Aumento somente para os moradores mais recentes	Não
Nº 76	Aumento somente para os moradores mais recentes	Sim, já houve uma abordagem
Nº 83	Não houve alteração	Não
Nº 90	Aumento somente para os moradores mais recentes	Não
Nº 101	Aumento somente para os moradores mais recentes	Não
Nº 109	Houve um aumento gradual	Sim, já aconteceram várias abordagens
Nº 116	Houve um aumento gradual	Não
Nº 164	Aumento somente para os moradores mais recentes	Não
Nº 166	Aumento somente para os moradores mais recentes	Não
Nº 184	Não houve alteração	Não

Fonte: Elaboração própria

Relativamente à alteração dos preços de aluguer e compra e venda de casas, uma grande parte dos moradores afirma que os aumentos nos preços de aluguer, em regra, estão destinados aos novos residentes, mencionando ainda que estes pagam, atualmente, entre 200€ e 400€: “As pessoas que estão a chegar estão a pagar já para cima de 300€” e “Já houve gente aqui a pagar 250€”. No que toca ao aumento do valor para compra e venda de casas, a título de exemplo, o morador entrevistado, diretor do Sporting Clube de

São Vítor que reside na “ilha” do número 23, conhecida por “Ilha das Amoras”, diz que “Está lá uma para vender a 120 mil euros, a casa está-se a desfazer”, referindo ainda que quem a comprar, para além do valor exacerbado que terá de pagar, ainda terá de acarretar com os custos das obras. Moradora no número 68 e ali residente há 47 anos, juntamente com o seu marido nascido e criado em São Vítor, explica que, quanto à situação de arrendamento dos antigos moradores, “ainda estão aqui pessoas a pagar 2€, 3€, tudo pessoas antigas”. Alguns moradores consideram que houve um aumento gradual ao longo dos anos, ainda que não muito significativo, fazendo a comparação, na grande maioria das vezes, ao valor que pagavam em escudos.

Figura 21 - Casa degradada pertencente à "ilha" n° 23 que está à venda por 120 mil euros



Fonte: Fotografias do autor

Sobre a abordagem para compra de casas por parte de imobiliárias, apesar da presença de elementos de agências imobiliárias ser recorrente na rua, apenas três dos moradores entrevistados relataram ter sido abordados para compra das suas casas. A razão para este facto prende-se provavelmente com o facto de os moradores não serem os proprietários das casas das “ilhas”, sendo o contacto por parte das imobiliárias realizado diretamente com o proprietário. Residente no arruamento há 50 anos, um morador menciona que “é comum eles andarem aí à procura para ver se conseguem comprar a “ilha””, referindo-se ao número 109. Ainda assim, uma das moradoras entrevistadas

acaba a mencionar que, se a casa fosse sua, não se importaria de aceitar um acordo e ir morar para outro local, para uma casa melhor, apesar de, ao longo dos 70 anos de vida naquele local, ter investido muito na criação de melhores condições de habitabilidade.

6.2.2. Abordagem numa perspetiva da Rua de São Vítor

Dando seguimento à entrevista, foram efetuadas mais questões novamente acerca da saída e entrada de novos residentes, o porquê da sua saída e para onde foram, assim como quem são os novos residentes.

Tabela 6 - Respostas esquematizadas dos moradores das “ilhas” relativamente às questões sobre a saída e entrada de novos residentes

A saída e entrada de novos residentes			
	Para onde foram os residentes que saíram?	Porque saíram?	Quem são os novos residentes?
Nº 23	Para outros locais	Procura de melhores condições e de rendas mais acessíveis	Pessoas jovens
Nº 48	Não sabe	Não sabe	Pessoas jovens
Nº 49	Os idosos passam a viver com os filhos; bairros sociais	Procura de rendas mais acessíveis	Pessoas jovens
Nº 68	Não sabe	Não sabe	Pessoas jovens
Nº 76	Não sabe	As suas casas foram compradas por imobiliárias	Pessoas jovens; estrangeiros
Nº 83	Bairros sociais	Não sabe	Pessoas jovens
Nº 90	“Para outras casas”	Procura de rendas mais acessíveis	Pessoas jovens
Nº 101	Não sabe	Não sabe	Pessoas jovens
Nº 109	Bairros sociais	Procura de rendas mais acessíveis	Pessoas jovens
Nº 116	Não sabe	As suas casas foram compradas por imobiliárias	Não sabe
Nº 164	Bairros sociais	Procura de rendas mais acessíveis	Não sabe

Nº 166	Bairros sociais; outros locais	Foram expulsos com uma indenização	Pessoas jovens; estrangeiros
Nº 184	Não sabe	Não sabe	Pessoas jovens; estrangeiros

Fonte: Elaboração própria

Como é possível observar na tabela 6, a generalidade dos entrevistados não tem ideia de para onde foram os antigos residentes do arruamento, no entanto, alguns creem que estes se deslocaram para bairros sociais, e até para outros locais que não foram especificados pelos mesmos. Uma moradora entrevistada menciona também que, em algumas ocasiões, os idosos vão viver com os filhos, por precisarem de cuidados diários e já não ser viável morarem sozinhos.

Acerca das razões que levaram esses moradores a abandonarem as suas casas, a grande parte dos entrevistados acredita que estes procuram preços de aluguer mais acessíveis do que os que são praticados atualmente, razão essa que foi também bastante evidenciada na primeira parte das entrevistas (daí a semelhança entre ambas as tabelas). Ainda assim, alguns moradores falaram em casos mais específicos, tais como o abandono das casas devido ao facto de estas terem sido compradas por agências imobiliárias e, também, da expulsão de moradores com uma indenização, embora tal tenha acontecido em número muito reduzido.

Quanto aos novos residentes, a opinião da larga maioria dos moradores de São Vítor apontou para pessoas mais jovens, na faixa etária dos 20 aos 40 anos. Por isso, no que diz respeito a esta questão, as respostas mantiveram-se iguais tanto na perspetiva de dentro da “ilha” habitada, como da rua.

Ainda na mesma perspetiva de rua, é importante perceber quais foram as principais transformações que ocorreram ao longo dos últimos dez anos, sendo que neste

ponto se realça a importância dos moradores mais antigos, que abordam detalhes interessantes do passado.

Tabela 7 - Respostas dos moradores das “ilhas” relativamente às principais transformações no arruamento

	Quais as principais transformações nos últimos anos?
Nº 23	A rua está vazia; desaparecimento do sentimento de comunidade; desaparecimento do comércio tradicional
Nº 48	Aumento dos preços; desaparecimento do comércio tradicional
Nº 49	Desaparecimento do comércio tradicional
Nº 68	A rua está muito vazia; ninguém se conhece
Nº 76	A rua tinha muito comércio, e atualmente este é escasso; a rua está muito vazia
Nº 83	Obras nos edifícios; a rua está vazia; desaparecimento das “ilhas”
Nº 90	A rua está muito vazia; desaparecimento do comércio, especialmente do comércio tradicional e antigo
Nº 101	Desaparecimento do comércio tradicional
Nº 109	Aumento dos preços; desaparecimento dos cafés e comércio; as “ilhas” estão todas a ser compradas por estrangeiros
Nº 116	Desaparecimento do comércio e cafés
Nº 164	Desaparecimento do comércio; a rua está muito parada e vazia
Nº 166	Havia um sentimento de comunidade; desaparecimento de hábitos sociais; a rua está vazia; desaparecimento do comércio
Nº 184	Encerramento de vários negócios/comércio

Fonte: Elaboração própria

Relativamente às principais transformações que ocorreram ao longo dos últimos 10 anos no arruamento, o desaparecimento do comércio tradicional, assim como o facto de os moradores considerarem que a rua se encontra vazia, destacam-se perante as

restantes. Quando os moradores das “ilhas” mencionam que a rua está vazia, referem-se ao facto de que, outrora, esta era muito movimentada e ouviam-se sempre vozes, um permanente burburinho, tanto das crianças que brincavam como dos adultos que se reuniam e conviviam, especialmente ao final do dia e à noite. Atualmente, e como a grande parte dos moradores afirmaram, por volta das 18h já não se vê ninguém na rua, já não se ouvem as crianças brincar, e já não há grupos de convívio. Assim, destacam-se as seguintes citações dos moradores entrevistados: “Vivia aqui muita gente, era uma animação”; “A rua está triste agora”; “Tão histórica se tornou (a rua) que agora está desabitada”; “Esta rua está muito vazia”; “A rua está parada à vista de antigamente”; “A Rua de São Vítor não é a mesma”; “Esta era uma rua muito popular, agora está deserta”. É também especialmente importante mencionar respostas como o desaparecimento das “ilhas”, embora estas não tenham efetivamente desaparecido, mas sim se tenham modificado ou tenham sido compradas. As obras nos edifícios também se destacam das restantes transformações mencionadas. Esta é uma temática que preocupa e entristece a população local, uma vez que veem as suas origens e os seus hábitos desaparecerem.

A gentrificação, para além de transformações físicas, desencadeia também transformações socioculturais e, por isso, é de extrema importância entender que hábitos foram mudando ao longo dos anos para os moradores desta rua. Neste sentido, através das entrevistas tentou-se perceber se o local de encontro das pessoas tem mudado, por exemplo devido ao encerramento de alguns estabelecimentos, e onde se encontram atualmente, se for o caso.

Tabela 8 - Respostas dos moradores das “ilhas” relativamente às questões de alteração de hábitos

	Alteração de hábitos	
	Tem mudado o local de encontro das pessoas?	Para onde?
Nº 23	Sim, no entanto, alguns moradores ainda se encontram na sede do SCSV	Não sabe
Nº 48	Não sabe	Não sabe
Nº 49	Sim, no entanto, alguns moradores ainda se encontram na sede do SCSV	Não sabe
Nº 68	Não sabe	Não sabe
Nº 76	Sim, no entanto, alguns moradores ainda se encontram na sede do SCSV	Não sabe
Nº 83	Não sabe	Não sabe
Nº 90	Sim, no entanto, alguns moradores ainda se encontram na sede do SCSV	Não sabe
Nº 101	Não sabe	Não sabe
Nº 109	Sim	Praça dos Poveiros, entre outros locais
Nº 116	Sim, no entanto, alguns moradores ainda se encontram na sede do SCSV	Não sabe
Nº 164	Sim	Não sabe
Nº 166	Sim, no entanto, alguns moradores ainda se encontram na sede do SCSV	Café/Adega na rua acima
Nº 184	Não sabe	Não sabe

Fonte: Elaboração própria

Acerca da alteração de hábitos, especialmente hábitos sociais e de convívio, a grande parte dos moradores entrevistados considera que o local de encontro das pessoas mudou ao longo dos anos, tanto devido ao encerramento de um determinado café em que

se encontravam, como pela mudança do local de residência de antigos moradores e mesmo, mais recentemente, devido à pandemia que gerou algum medo. Como foi mencionado anteriormente, essa alteração de hábitos é visível também pelo facto de que antes muitos conviviam na rua, enquanto atualmente são escassos os grupos de convívio avistados. Apesar dos moradores acreditarem que o local de encontro das pessoas mudou, afirmam ainda que, atualmente, alguns moradores e ex-moradores ainda se encontram na Sede do Sporting Clube de São Vítor. O próprio diretor do Clube afirma “Aqui na sede só vêm quatro pessoas tomar café, antigamente eram quinze ou vinte” e “As pessoas que foram embora vêm aqui de vez em quando”. Também aos 82 anos, um morador menciona que “gostava muito de sair à sexta-feira, ir para o meu cafezinho, já estava habituado a isso (...) agora já me custa sair, os hábitos mudam e vão-se perdendo”. Alguns moradores indicaram também outros locais onde as pessoas se passaram a encontrar ao longo dos anos, tais como um café/adega na rua acima do arruamento em estudo, e também na Praça dos Poveiros.

Ainda no que diz respeito à alteração de hábitos, uma das questões incluídas na entrevista foi se o local de compras mudou, devido ao encerramento de alguns estabelecimentos de comércio tradicional, e para onde mudou.

Tabela 9 - Respostas dos moradores das “ilhas” relativamente à alteração do local de compras

	Alteração de hábitos	
	Tem mudado o local de compras?	Para onde?
Nº 23	Sim	Grandes superfícies
Nº 48	Sim	Grandes superfícies
Nº 49	Sim	Grandes superfícies
Nº 68	Sim	Grandes superfícies
Nº 76	Sim	Grandes superfícies
Nº 83	Sim	Grandes superfícies
Nº 90	Sim	Grandes superfícies
Nº 101	Sim	Grandes superfícies

Nº 109	Sim	Grandes superfícies
Nº 116	Sim	Grandes superfícies
Nº 164	Sim	Grandes superfícies
Nº 166	Sim	Grandes superfícies
Nº 184	Sim	Grandes superfícies

Fonte: Elaboração própria

Através da observação da tabela 9, todos os moradores entrevistados consideram que o local de compras mudou ao longo dos anos para as grandes superfícies. Apesar de ainda existirem no arruamento duas mercearias, sendo que uma delas está aberta todos os dias, os moradores preferem percorrer maiores distâncias até às grandes superfícies pois consideram que estas são mais económicas do que as mercearias. Afirmam ainda que visitam as mercearias apenas em último recurso. Uma moradora há 47 anos no número 68 aponta que: “aqui a mercearia para mim não dá, porque é tudo muito mais caro”. Ainda acerca do mesmo tópico foi perceptível, ao longo das entrevistas, uma decepção face ao encerramento dos talhos e dos diversos tipos de comércio que existiam, outrora, na Rua de São Vítor. Os moradores mais antigos exclamam: “Fecharam tudo, cafés, pão quente”; “Nesta rua havia muitas mercearias (...) agora o comércio acabou”; “Só nesta rua havia quatro talhos, agora nem há um”; “A nível de comércio local, isto está completamente parado”. Um ex-morador recorda ainda que “havia aqui casas comerciais, umas oficinas, desde carvoarias, azeitoneiras, vendedor de solas...” e, diz que “quando começaram a aparecer as grandes superfícies, arruinou o comércio local”.

Por fim, ainda relativamente ao tópico mencionado anteriormente, pretende-se perceber o que mais tem mudado ao longo dos últimos anos, sendo que as respostas foram bastante unânimes neste ponto.

Tabela 10 - Respostas dos moradores das “ilhas” relativamente ao que tem mudado mais no que diz respeito à alteração de hábitos

Alteração de hábitos	
	O que tem mudado mais nos últimos anos?
Nº 23	A rua está despovoada e envelhecida; alteração de hábitos sociais no geral
Nº 48	O sentimento de comunidade; o convívio
Nº 49	Não há respeito entre alguns moradores (conflitos); o convívio
Nº 68	A rua está abandonada; há casas ao abandono
Nº 76	A alteração de hábitos sociais (as crianças a brincar na rua); o sentimento de comunidade
Nº 83	O convívio; o sentimento de comunidade; a rua está vazia
Nº 90	O grande êxodo que houve na rua, que atualmente está despovoada
Nº 101	O sentimento de comunidade
Nº 109	O convívio; o sentimento de comunidade
Nº 116	O sentimento de comunidade; a rua está vazia
Nº 164	A rua está esquecida
Nº 166	Alteração de hábitos sociais no geral
Nº 184	Alteração de hábitos sociais no geral

Fonte: Elaboração própria

Quanto às respostas expostas na tabela 10, a perda do sentimento de comunidade, que é mencionada em diversas referências bibliográficas utilizadas neste projeto, e a redução do convívio entre os moradores, são as alterações mais mencionadas pelos entrevistados. Outras alterações referidas e que se relacionam entre si são o facto de a rua estar vazia, o despovoamento e o envelhecimento da população que reside na mesma, também já mencionadas em texto anterior. Uma moradora residente no número 49, com 71 anos e que habita sozinha, menciona que “eu não saio à rua à noite (...) porque eles não respeitam ninguém, drogam-se na rua, assaltam os vizinhos...”, referindo-se,

especialmente, aos moradores mais jovens que não têm qualquer tipo de relação com os moradores mais antigos. De referir que, estes desacatos são recorrentes, segundo os relatos de alguns moradores.

6.2.3. O lote número 104 – do passado à atualidade

O lote número 104 da Rua de São Vítor era conhecido, outrora, como a “Ilha do Padeiro”, que albergava várias famílias (chegou a ter 25 fogos), numa ocupação dos dois lados do corredor central, com um piso superior do lado norte. Era um local de convívio, não só dos adultos, mas também das crianças que aqui brincavam, diariamente, nos estreitos corredores que tanto caracterizam esta tipologia de habitação. Atualmente, denomina-se “Ilha D’Ouro” e alberga turistas e população flutuante que visita a cidade do Porto e que demonstram particular interesse no modo de vida portuense.

Durante as entrevistas, foi possível fazer algumas questões, acerca do passado, do presente e do futuro deste lote, a um ex-morador da “ilha” em questão. Neste sentido, o morador descreve como era a vida dos habitantes antigamente, reforçando a temática do convívio entre os mesmos, a confiança que tinham uns nos outros, uma vez que as portas das casas ficavam destrancadas o dia inteiro e, principalmente, o sentimento de comunidade que existia, sendo que se pode afirmar mesmo que, os habitantes da “ilha” se consideravam uma grande família. O mesmo morador também refere que ocasionalmente ocorriam desentendimentos, mas que rapidamente eram solucionados e que os moradores não lhes davam grande importância, prevalecendo sempre a amizade que nutriam uns pelos outros. Também as crianças são evocadas. O ex-morador refere-se, várias vezes, ao convívio entre as mesmas, que brincavam todos os dias, quer fosse dentro da “ilha” ou até mesmo na rua, enfatizando também algumas das suas memórias e aventuras com os seus colegas de escola. Antigamente, o número de crianças que viviam no arruamento era muito mais elevado que na atualidade e, por isso mesmo, havia sempre

quase que um ruído de fundo das mesmas a brincar e a rir, relembra o mesmo. Explicou ainda que, ao longo dos anos foram saindo várias pessoas daquela “ilha” até ao ponto em que ficaram lá apenas dois moradores e, por esse motivo, o senhorio optou por vender a propriedade, resultando no realojamento dos mesmos noutros locais. No entanto, sublinha que não houve qualquer tipo de expulsão desses residentes.

Figura 22 - Fotografias tiradas na "Ilha" do Padeiro, em finais dos anos 30



Fonte: Fotografias de Jorge Ricardo Pinto

Figura 23 - Fotografias tiradas na "Ilha" do Padeiro em finais dos anos 50



Fonte: Fotografias de Jorge Ricardo Pinto

Uma das questões que foi explorada, foi em torno do aspeto atual da “ilha” enquanto alojamento local, ou seja, qual a opinião do ex-morador face ao assunto. Este afirma, com convicção, que “está bonito, mas é uma diferença, parece que estão fechados dentro de uma jaula, aqueles portões, aquelas grades. Nós não, nós tínhamos liberdade, entrávamos, saíamos, as portas dos vizinhos ficavam abertas, brincávamos...”. Através desta afirmação salienta-se, mais uma vez, a rutura do sentimento de comunidade, através da colocação de um portão na “ilha”, apesar de ter como finalidade a proteção da privacidade dos turistas, face ao ambiente mais familiar que existia antigamente (figura 24).

Figura 24 - Fotografias atuais da "Ilha" D'Ouro



Fonte: Fotografias do autor

Uma outra questão colocada prendeu-se com a eventual partilha de opiniões entre outros ex-moradores acerca do mesmo assunto, no entanto, como foi explicado, a grande maioria dos seus ex-vizinhos já não moram no arruamento ou faleceram e, por esse motivo, nunca houve um debate acerca da reabilitação da “ilha”. Neste sentido, o ex-morador comenta ainda que “há poucas “ilhas” que têm pessoas que residem há muito tempo cá”, aludindo ao seu falecimento ou mudança para outros locais de residência. Um dos exemplos trata-se do número 182, conhecido como a “Ilha Grande”, em que nenhum

dos atuais moradores reside lá há mais de sete anos e até há casos de moradores que vivem lá apenas há alguns meses, e que consideram ser uma situação temporária face aos elevados preços praticados pelos senhorios e às condições das casas. Novamente, este é outro aspeto que foi sendo muito enfatizado durante todas as entrevistas realizadas, que se relaciona com a reduzida comunicação e convívio entre os moradores, especialmente no que diz respeito aos mais recentes habitantes do arruamento e que, mais uma vez, resulta numa quebra no sentimento de comunidade.

Para finalizar, a última questão colocada foi acerca do que o ex-morador do lote número 104, mas ainda atualmente morador na “ilha” do número 23, pensa que vai ser o futuro das “ilhas” na Rua de São Vítor, especialmente no que toca à sua relação com o turismo e o alojamento local. A seu ver o processo irá continuar ao longo dos próximos anos e se, por um lado, algumas poderão acabar abandonadas “(...) mas só acabarão quando toda a gente morrer”, outras, por sua vez, poderão ser reaproveitadas para fins turísticos, apesar de o mesmo acreditar que o processo de alteração de arrendamento tradicional para arrendamento turístico abrandou. O morador acrescenta ainda que “nasci e casei em São Vítor, e estou cá e cá ficarei”, realçando a sua ligação sentimental com o arruamento.

Capítulo 7 – Considerações Finais

A Rua de São Vítor, localizada na freguesia do Bonfim, no concelho do Porto, passou, nos últimos 5 anos pré-pandemia, por um acelerado processo de transformação urbana, motivado pelo crescimento extraordinário do turismo e com indicadores de gentrificação turística. Na realidade, este é um processo que alastra do centro, a toda a cidade do Porto. A pandemia tornou este processo mais notório porque, com a diminuição brusca do turismo, ficou evidente a dependência da cidade do turismo como motor económico. Por isso, há duas conclusões que podemos, desde logo, tirar: 1) o turismo tem um papel económico de extrema importância para a cidade, e 2) a excessiva dependência do turismo pode criar problemas de várias ordens, nomeadamente económicos, pelo que a gestão do fluxo turístico tem de ser cuidadosamente pensada e planeada, respeitando a identidade e dinâmica local, assim como o seu património.

Através das entrevistas efetuadas, foi possível entender com mais precisão os efeitos que o turismo teve na habitação e residentes em São Vítor, especialmente no que diz respeito aos residentes mais antigos. Neste sentido, destaca-se a rutura do sentimento de comunidade pela perda de hábitos sociais e a diminuição do número de estabelecimentos de comércio tradicional, que se deve essencialmente a dois fatores: 1) a diminuição da população devido ao falecimento da população antiga e à saída de residentes para outros locais mais acessíveis (cuja saída na larga maioria não teve relação com a entrada do investimento imobiliário e o interesse turístico), e 2) a concorrência das grandes superfícies que têm tudo e oferecem produtos a melhor preço. Também se torna importante destacar que as “ilhas” que foram convertidas em alojamento local estavam praticamente abandonadas antes da intervenção, mas, ainda assim, houve pressão para a saída dos moradores, no caso do AL “Ilha” D’Ouro e do *99 colored socks*. Alguns moradores sentem que a sua privacidade é invadida quando os turistas entram nas “ilhas”

e começam a tirar fotografias sem consentimento, tentando ainda fotografar o interior das casas, deixando a população numa posição de desconforto perante a situação.

No que diz respeito à reabilitação das “ilhas”, este é um processo que tem tendência a continuar, visto que, atualmente, pelo menos duas “ilhas” se encontram a ser reabilitadas (número 48 e 116), embora ainda não seja conhecida a sua finalidade. Para além desta tipologia de habitação, já foram reabilitadas outras casas na rua, embelezando-as de forma a acolher novos moradores e população flutuante em alojamento local. No entanto algumas pessoas entrevistadas referiram que algumas das habitações reabilitadas se encontram fechadas e não estão, de momento, a alojar possíveis moradores ou turistas. A pandemia provavelmente explicará a maioria desses casos, mas a situação tem gerado algum incómodo em São Vítor. Inclusivamente, uma das moradoras entrevistadas afirmou que era de lamentar que estas habitações estivessem fechadas, quando existem tantas pessoas à procura de casa.

Assim que o turismo retornar à normalidade na cidade do Porto, é expectável que algumas das “ilhas” que se encontram agora abandonadas ou semiabandonadas, sejam compradas e reabilitadas para fins de alojamento turístico, eventualmente com aliciamiento aos poucos moradores que restam para irem para outros locais.

Em suma, este é um arruamento que tem muito potencial, não só do ponto de vista patrimonial e cultural, mas também do ponto de vista habitacional e turístico. Com o devido planeamento, este poderia ser um local de acolhimento não só da população local, através da recuperação e do reaproveitamento das casas pertencentes a “ilhas” e das restantes habitações que estão degradadas e ao abandono, mas também dos turistas, tendo em conta o valor histórico e patrimonial do lugar, assim como a paisagem extraordinária para o rio Douro que este arruamento possui.

De uma forma geral, o trabalho realizado revela que o processo de gentrificação por via turística em curso na Rua de São Vítor apenas afetou parcialmente a população, não se tendo revelado qualquer processo coercivo sobre os residentes. Em larga medida, a alteração do perfil da população e a mudança funcional parecem ter tido origem em processos anteriores à chegada do turismo. O turismo terá, sobretudo, ocupado uma área já em processo de abandono, através de um processo que valorizou economicamente os diferentes lotes e promoveu a gentrificação social e a renovação comercial. Inexoravelmente, o turismo agudizou também o processo de substituição de população e aumentou algumas práticas quer de cobiça imobiliária, quer de disrupção da comunidade.

O balanço final é extraordinariamente difícil de avaliar. A conservação excessiva da cidade corre o risco de a cristalizar, perante a inevitável substituição de gerações. Mas, a livre ação do mercado imobiliário e a falta de gestão do fluxo turístico podem originar a rutura de identidade local e o desaparecimento de laços comunitários. Estes processos promovem mal-estar nos moradores, alienam os espaços e destroem o ambiente e a cultura urbana que o turista procura, arriscando por isso a sustentabilidade do lugar.

Referências

- Abreu, M. d. (1998). Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, XIV(I), 77-97. Obtido em Dezembro de 2021, de <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>
- Alves, S. (28 de Fevereiro de 2017). Requalificação e gentrificação no centro histórico do Porto. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, XXI(557). Obtido em 16 de Dezembro de 2020, de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/26700>
- Barbosa, I., & Lopes, J. T. (Dezembro de 2019). Descodificar as paredes da cidade: da crítica à gentrificação ao direito da habitação no Porto. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, XXXVIII, 6-29. Obtido em 1 de Dezembro de 2020, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0872-34192019000300002&script=sci_arttext&tlng=es
- Carvalho, L., Chamusca, P., Fernandes, J., & Pinto, J. (27 de Fevereiro de 2019). Gentrification in Porto: floating city users and internationally-driven urban change. *Urban Geography*, 40(4), 565-572. Obtido em 3 de Janeiro de 2021, de <https://www.tandfonline.com/eprint/VqY9GVdeGzKxeAWaGh5K/full?target=10.1080%2F02723638.2019.1585139&>
- Cavagnaro, E., Staffieri, S., & Postma, A. (2018). Understanding millennials' tourism experience: values and meaning to travel as a key for identifying target clusters for youth (sustainable) tourism. *Journal of Tourism Futures*, 4(1), 31-42. Obtido em 3 de Março de 2021, de <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JTF-12-2017-0058/full/pdf?title=understanding-millennials-tourism-experience-values-and->

meaning-to-travel-as-a-key-for-identifying-target-clusters-for-youth-sustainable-tourism

Cocola-Gant, A. (2018). Tourism Gentrification. Em E. E. Publishing, *Handbook of Gentrification Studies* (pp. 281-293). Obtido em 1 de Março de 2021, de https://www.researchgate.net/publication/323696032_Tourism_gentrification

Edo-Marzá, N. (2016). Communication in tourism 2.0: redefining roles, restating 'the traditional', reaching the world. *Ibérica*(31), 9-14. Obtido em 3 de Março de 2021, de <https://www.redalyc.org/pdf/2870/287045359001.pdf>

Falcão, M. (1999-2000). O Porto, os planos municipais e o turismo. *Revista da Faculdade de Letras - Geografia I série, XV/XVI*, 63-78. Obtido em 3 de Dezembro de 2020, de <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1619.pdf>

Fernandes, J. R. (2020). *Geografia do Porto*. Book Cover Editora. Obtido em 30 de Dezembro de 2020

Fernandes, J., Carvalho, L., Chamusca, P., & Pinto, J. (Dezembro de 2018). Gentrification in Porto: problems and opportunities in the past and in the future of an internationally open city. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*(15), 177-198. Obtido em 1 de Dezembro de 2020, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-12672018000300009

Gant, A. C. (2016). *Holiday Rentals: The New Gentrification Battlefront*. Universidade de Lisboa, Lisboa. Obtido em 13 de Janeiro de 2021, de https://www.researchgate.net/publication/307554257_Holiday_Rentals_The_New_Gentrification_Battlefront

Gravari-Barbas, M., Jacquot, S., & Cominelli, F. (Novembro de 2019). New cultures of urban tourism. *International Journal of Tourism Cities*, 5(3), 301-306. Obtido em 3 de Março de 2021, de https://www.researchgate.net/publication/337723439_New_cultures_of_urban_tourism

Gusman, I., Rio Fernandes, J. A., Chamusca, P., & Pinto, J. R. (2020). A Sustentabilidade da Cultura e Turismo em Contexto Urbano: O Caso do Centro Histórico do Porto. *XII Congresso da Geografia Portuguesa*, (pp. 340-346). Obtido em 1 de Dezembro de 2020, de https://www.researchgate.net/publication/341709932_A_SUSTENTABILIDADE_DA_CULTURA_E_TURISMO_EM_CONTEXTO_URBANO_O_CASO_D_O_CENTRO_HISTORICO_DO_PORTO

Laranjeiro, A. (16 de Fevereiro de 2021). *Covid roubou 12 milhões de estrangeiros e mil milhões em receita*. Obtido em 1 de Julho de 2021, de Diário de Notícias: <https://www.dn.pt/dinheiro/covid-roubou-12-milhoes-de-estrangeiros-e-3-mil-milhoes-em-receita-13356170.html>

Leite, N. K. (2008). *Turismo e Território: Um Estudo sobre a Turistificação de Portimão (Algarve/Portugal) a Partir da Geografia do Turismo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Departamento de Geografia, Lisboa. Obtido em 16 de Fevereiro de 2021, de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/1727>

Lusa. (10 de Novembro de 2020). *No Porto fecharam 20 hotéis em dez dias por falta de turistas*. Obtido em 1 de Julho de 2021, de Publico:

<https://www.publico.pt/2020/11/10/fugas/noticia/porto-fecharam-20-hoteis-dez-dias-falta-turistas-1938703>

Lusa, A. (16 de Março de 2021). *Covid-19. Arrendamento tradicional é alternativa ao turismo em ilhas do Porto*. Obtido em 1 de Julho de 2021, de Observador: <https://observador.pt/2021/03/16/covid-19-arrendamento-tradicional-e-alternativa-ao-turismo-em-ilhas-do-porto/>

Matos, F. (2017). Gentrificação nas Ilhas do Porto - uma dinâmica embrionária. *XI Congresso da Geografia Portuguesa, As dimensões e a responsabilidade social da Geografia, Livro de Atas* (pp. 85-89). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Associação Portuguesa de Geógrafos. Obtido em 1 de Dezembro de 2020, de <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/111470>

Minguez, C., Piñeira, M. J., & Tabales, A. F. (2020). Sustainability and Visitor Management in Tourist Historic Cities. *Social Vulnerability and Touristification of Historic Centers*, pp. 1-24. Obtido em 23 de Fevereiro de 2021, de <https://www.mdpi.com/2071-1050/11/16/4478>

Miranda, T. M. (2015). *O Porto turístico: olhares sobre a cidade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. Obtido em 15 de Fevereiro de 2021, de <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/81963>

Netto, A. P. (2017). *O que é turismo*. Brasiliense. Obtido em 10 de Março de 2021, de https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=7mgvDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=pr%C3%A1ticas+turismo+contempor%C3%A2neo&ots=drS0Fb2ySQ&sig=F6JDyskyx1Q0EQeVx8b5QUy9mA0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

- Ojeda, A., & Kieffer, M. (Julho de 2020). Touristification. Empty concept or element of analysis in tourism geography? *Geoforum*(115), 143-145. Obtido em 24 de Fevereiro de 2021, de https://www.researchgate.net/publication/342694065_Touristification_Empty_concept_or_element_of_analysis_in_tourism_geography
- Oliveira, I. (1 de Setembro de 2018). O Futuro das Ilhas do Porto. *JA - Jornal Arquitectos*(257), 36-39. Obtido em 10 de Dezembro de 2020, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/64369>
- Oliveira, T. A. (2019). *Porto: Turistificação e Turismofobia*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Mestrado em Riscos, Cidades e Ordenamento do Território, Porto. Obtido em 1 de Dezembro de 2020, de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/124511/2/368669.pdf>
- Pinto, J. R. (Outubro de 2015). As ilhas do Porto. Em C. M. Porto, *As ilhas do Porto - levantamento e caracterização* (pp. 5-18). Porto. Obtido em 19 de Janeiro de 2021, de https://www.researchgate.net/publication/328410980_As_ilhas_do_Porto
- Pinto, J. R., & Azevedo, A. L. (Outubro de 2010). Padrões de distribuição hoteleira no Porto no final do século XIX. *Percursos & Ideias*, 2(2), 155-166. Obtido em 15 de Abril de 2021, de https://www.researchgate.net/publication/328610911_Padrees_de_distribuicao_hoteleira_no_Porto_no_final_do_seculo_XIX
- Pinto, J. R., & Ferreira, L. (2019). "*Overtourism*", *turismofobia, gentrificação e outras obsessões. A sustentabilidade social do turismo vista a partir das "ilhas" de São*

- Vitor, no Porto*. Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo. Obtido em 13 de Janeiro de 2021
- Pinto, J. R., & Ferreira, L. (2019). "*Overtourism*", *turismofobia, gentrificação e outras obsessões. A sustentabilidade social do turismo vista a partir das "ilhas" de São Vitor, no Porto*. Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo. Obtido em 13 de Janeiro de 2021
- Pinto, J. R., Alves, D., Barbosa, H., & Lopes, M. (Dezembro de 2018). Duas turistas estrangeiras no Porto de Oitocentos: da condição feminina aos limites do turismo. pp. 93-103. Obtido em 15 de Abril de 2021, de https://www.researchgate.net/publication/330676240_Duas_turistas_estrangeiras_no_Porto_de_Oitocentos_da_condicao_feminina_aos_limites_do_turismo
- Porto. (2 de Novembro de 2020). *Porto conquista prémio de melhor destino europeu para escapadela urbana*. Obtido em 15 de Abril de 2021, de Porto: <https://www.porto.pt/pt/noticia/porto-conquista-premio-de-melhor-destino-europeu-para-escapadela-urbana>
- Sakızlıoğlu, B., & Lees, L. (7 de Março de 2021). Commercial Gentrification, Ethnicity, and Social Mixedness: The Case of Javastraat, Indische Buurt, Amsterdam. *City & Community*, 870-889. Obtido em Dezembro de 2021, de <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1111/cico.12451>
- Sequera, J., & Nofre, J. (28 de Novembro de 2018). Debates Shaken, not stirred: New debates on touristification and the limits of gentrification. *City*, 22(5-6), 843-855. Obtido em 25 de Fevereiro de 2021, de https://www.researchgate.net/publication/329249315_Sequera_J_Nofre_J_2018

_Shaken_Not_Stirred_New_Debates_on_Touristification_and_the_Limits_of_G
entrification_City_225-6_843-855_doi_1010801360481320181548819

TNews. (24 de Junho de 2021). *Turismo 5.0 - "Unlocking the Future"*. Obtido em
Dezembro de 2021, de T News: [https://tnews.pt/turismo-5-0-unlocking-the-
future/](https://tnews.pt/turismo-5-0-unlocking-the-future/)